

Boletim Adventista

Director e Editor: Ernesto Ferreira
Proprietária: Casa Publicadora Angolana
Redacção e Administração: Missão Adventista
C. P. 3 - Nova Lisboa

Composição e Impressão: Missão do Bongo
Lépi

NÚMERO AVULSO 3\$00
ASSINATURA ANUAL 30\$00

Ano IX — Número 99

Março de 1971

Semana de Oração da Juventude

Agora... Enquanto há Tempo

Por TH. LUCAS

Os astronautas Borman, Lovell e Anders, ao rodearem a Lua na Apollo 8, enviavam para Terra uma descrição das maravilhas que podiam contemplar a mais de 300.000 quilómetros de distância. Súbitamente fizeram-se ouvir sons pelas ondas sonoras os quais não estavam no programa nem de Houston, nem de Cabo Kennedy. Os astronautas começaram a ler calmamente o relato da criação tal como aparece no livro de Génesis: «No princípio criou Deus o Céu e a Terra...».

Foi um testemunho de fé que muito significava para milhões à escuta. Foi o momento mais emocionante daquele voo dramático da Apollo 8. Para algumas pessoas, contudo, deve ter parecido contraditório que homens dependentes dos mais complicados instrumentos sentissem a necessidade de ler a Palavra de Deus.

Nenhum livro no mundo teve jamais um impacto maior sobre a humanidade, do que a Bíblia. Pensai no grande número de obras-primas que foram trazidas à existência. Incontáveis partituras musicais, peças de arte, de literatura, são baseadas nos personagens, histórias e ensinamentos da Bíblia.

Através dos séculos o conteúdo da Bíblia tem subsistido às provas. Eis um documento que nunca está antiquado embora tenha sido escrito por pessoas que viveram em períodos diferentes. Ainda hoje podemos considerá-lo o livro mais importante do mundo, o livro que tem influenciado as filosofias das nações e mudado as vidas dos indivíduos.

É evidente o poder da Palavra de Deus para

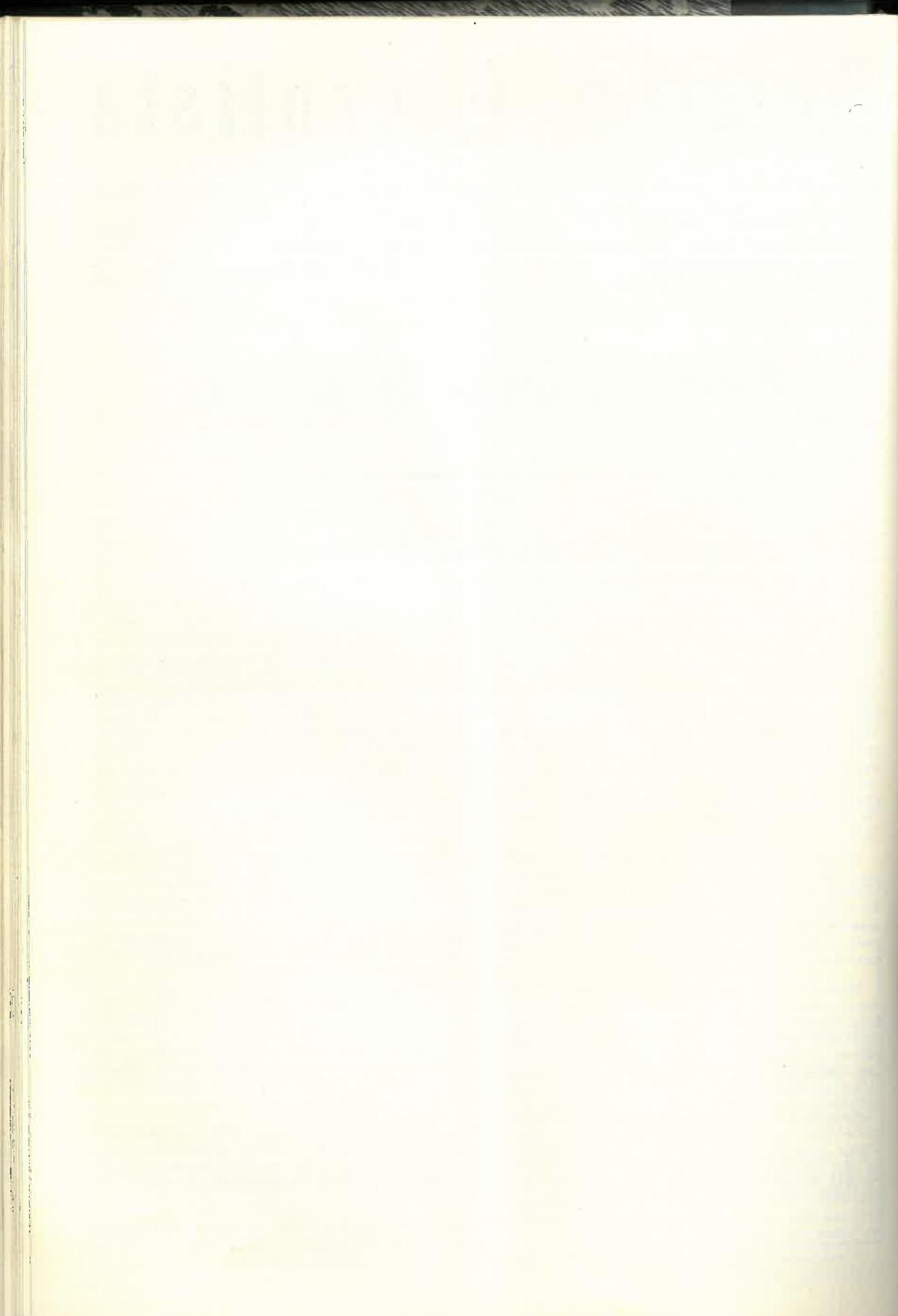
suster e transformar os jovens, mesmo hoje. O que dará poder a tal livro? O poder existe porque este Livro responde aos problemas fundamentais da humanidade, às suas necessidades e aos seus corações. Fala com autoridade indiscutível. O próprio facto de ter subsistido através dos séculos dissipa os complicados argumentos tecidos contra ele. É um Livro divinamente inspirado.

Fazemos agora os preparativos para um período anual que tanto significado tem para a nossa juventude. A Semana de Oração dos Missionários Voluntários. Foi decidido que fosse dada uma oportunidade aos jovens para se distenderem um pouco, fazendo um balanço cuidadoso das suas vidas, procurando o grande manancial da vida, ganhando coragem para decisões duradouras — eternas.

Esta é uma semana especial em favor dos que se afastaram, para levar as boas novas aos que ainda as não ouviram — acima de tudo, para fortalecer a nossa própria experiência para que a nossa influência e testemunho possam ser uma realidade, no espírito do propósito em que empenhámos as nossas vidas.

Quantas pessoas existem hoje sobrecarregadas com os fardos da vida! Quantos estão desanimados pelo facto de se sentirem sós! Quantos estão cansados do presente, e receiam o futuro!

A Bíblia reserva ricas recompensas aos que lhe dedicam um lugar nas suas vidas. Tomai essa decisão enquanto é tempo.



Preparar, Estar pronto, Partida! ...

Você pertence ao número dos Adventistas que ainda não atingiram os trinta anos de idade. Isto é magnífico! Parabéns! Mas tenho alguma coisa a dizer-lhe: Você tem uma reputação a defender, um alvo a atingir, um desafio a enfrentar. Milhares de jovens como você que nasceram em décadas anteriores, servem a Deus da melhor maneira por esse mundo fora. Eles dizem-lhes: Desafiamos os jovens de hoje a fazer tão bem como nós».

Pertenceis à geração que mais conhecimento acumulou desde que existe vida sobre a terra. Mas não tendes qualquer garantia de que ireis fazer melhor do que as gerações que vos precederam. Podeis discordar vigorosamente, violentamente, insistentemente da geração anterior, mas ela atingiu em alto grau a marca do sucesso e da dedicação. Se estais à procura de dinheiro, é melhor ir procurá-lo noutro lado. Esta igreja não se sacrificou na construção de escolas e nos subsídios para a sua educação para que você se tornasse um membro egoísta de uma sociedade como é a nossa.

Uma compensadora vida de trabalho necessita de duas coisas: dinheiro para sobreviver, e satisfação. Dinheiro, muito dinheiro, esse encontra-se em toda a espécie de funções que existem ao cimo da terra. Mas verdadeira satisfação no serviço não se encontra por toda a parte. A vossa educação cristã pode ajudar-vos a atingir o sucesso pelo único meio que existe — o serviço.

Podeis, sem dúvida, encontrar faltas na vossa escola; podeis criticar os vossos professores, a vossa administração — mas isso não é sinal de sofisticação e muito menos de erudição. Qualquer pessoa pode criticar. Winston Churchill tinha por hábito fazer paredes de pedra como entretenimento, durante a segunda guerra mundial. Trabalhava tão bem com a trolha como com a pena. Certo

dia um general do exército visitou o refúgio predilecto de Churchill. Começou a olhar para a parede de pedra que o homem do século tinha levantado. O general adoptou um espírito de crítica, salientando certas falhas aqui e ali, bem como uma deficiente escolha de material, etc. Winston Churchill começou a impacientar-se. De repente explodiu em raiva: «General, qualquer coitado sabe descobrir defeitos. Preciso de alguém que seja suficientemente competente para me dizer o que está bem».

Talvez um pouco mais dessa filosofia, dessa espécie de sabedoria, seja necessária. Se fazendo um balanço dos anos da vossa vida, constatares que tendes passado a maior parte da vossa vida a encontrar defeitos porque não passais para o outro lado? Ajudai a construir com sucesso por meio de uma atitude positiva e sadia de serviço para Deus. Você pode fazê-lo — qualquer pessoa pode fazê-lo.

Terminei os meus estudos num colégio adventista que durante décadas tem produzido ao fim de cada ano lectivo um Cordão Dourado com os graduados que saem para trabalhar nos diferentes campos missionários. Aconteceu que quer o meu companheiro de quarto quer eu próprio começámos a trabalhar no mesmo ano no mesmo território. Quando terminou o último ano, a cerimónia teve o mesmo cunho de solenidade que tem noutros anos. Por uma coincidência interessante os nossos nomes foram lidos um atrás do outro. Um venerável veterano do corpo docente do colégio segredou para quem o rodeava: «Se aqueles dois conseguiram graduar, qualquer pessoa o poderá fazer!» Sem dúvida que ele tinha razão. Qualquer pessoa desejosa da aventura de ganhar almas, de uma vida que vale a pena ser vivida, da satisfação de uma consciência limpa, pode fazê-lo.

A maioria dos jovens que ainda não

atingiram os trintas, estão à procura da maturidade. Essa maturidade inclui os elementos físico, mental e espiritual. É fácil crescer fisicamente! que esforço será necessário para comermos três refeições completas por dia? No entanto não é tão fácil crescer mentalmente. É necessário esforço para fazer aqueles exames, pontos de período e trabalhos de investigação, além de tudo o mais que os professores se lembraram de introduzir para vos dar uma nota. No entanto ainda é mais difícil crescer espiritualmente. Há demasiados jovens que tentam fazê-lo sem se esforçarem a sério. A não ser que cresçais nestes três aspectos, a não ser que cresçais física, mental e espiritualmente, nunca conseguireis ter um verdadeiro sucesso.

Podeis ouvir sermões, podeis ouvir cultos, podeis assistir a semanas de oração, podemos viver ano após ano, rodopiando dentro do nosso pequeno círculo, esquecendo-nos ou descurando o crescimento espiritual. A vida escolar passa furiosamente depressa, e pode acontecer que a vossa vida, o vosso caminho, o vosso alvo, o vosso ser, se perca nessa pressa toda. Ou então podeis-vos encontrar. Porque não arrumais as vossas contas com Deus? Não fujais por mais tempo à decisão.

A vida é um jogo, em que se procura o que nele está escondido. Encontrá-lo-eis quando descobrires o Deus. Tendes sem dúvida uma escolha a fazer. Mas não se trata tanto de uma escolha em si. Um «não» ao convite de Deus não resolve nada. O problema volta à tona a cada instante. Quando disserdes finalmente «sim» ao convite de Deus, então tereis realmente arrumado o assunto. Há muitas coisas que ficam arrumadas quando tudo está bem com Deus. Por que não o fazer agora, poupando-vos uma série de dores de cabeça, um número sem fim de problemas?

Somos formados pela nossa cultura, isso é um facto. E a nossa cultura diz que os jovens têm problemas. Provavelmente não têm mais do que tinham ou do que virão a ter. Mas há algumas decisões importantes a tomar. Uma das maiores é como enfrentar problemas.

Não fujais dessa decisão. Não vos ponhais à margem, quer no sector espiritual quer no sector mental.

Timóteo Leary proclama-se a si mesmo o sumo sacerdote do culto da droga. Não há muito tempo entrei num anfiteatro de uma grande universidade do estado. Representações de organizações de estudantes vindos dos colégios e das universidades principais dos Estados Unidos, encontravam-se ali. Tratava-se de uma convenção ao nível nacional. O orador do dia era Timóteo Leary. A assistência tomou os seus lugares com grande expectativa. Olhei em volta. Estava rodeado por um enxame de maxi-barbas e mini-saias, pés descalços e tédio.

Então o mestre subiu à plataforma. Sentou-se, cruzou a perna, e no meio de flores que o rodeavam, procedeu ao exame da sociedade, enquanto era acompanhado por música «Beatle». Algumas das coisas que ele disse eram loucas, outras ridículas; ainda outras eram obscenas e algumas faziam sentido. Mas a sua mensagem era martelada a cada momento: «Desisti. Abandonai. Não vos mistureis com a raça dos conservadores. Não mateis a vossa cabeça com livros; expandi-vos com droga.» E após uma hora delenga-lenga, terminou. Houve aplausos, findos os quais saiu.

Um psicólogo subiu à tribuna com o intuito de contestar. As objecções do Dr. Cohen não tinham nada de superficial. Não se estendeu com preciosismos de oratória. Simplesmente apontou o seu dedo para a assistência e disse: «Não desistais. Não há dúvida que este mundo está num caos. Corrigi-o. Não abuseis na sua correcção». A sua filosofia era sã e directa, destemida sem misericórdia para com a cobardia. Então fez silêncio. A assistência levantou-se como um só homem num aplauso ensurdecador e espontâneo que se prolongou indefinidamente. Num momento levantei-me também e comecei também a dar palmas, tão alto quanto possível — em parte pelo que o Dr. Cohen tinha dito, mas mais pela reacção dos alunos de estudo superior ali presentes, pois pude constatar que não tinham sido levados pela fraudulenta teoria da desistência.

Não desistais mental ou espiritual-

mente. Este é um mundo diferente. Não tenhamos dúvidas disso. Sê-lo-á sempre. Sim, o senso dos valores está invertido, as coisas estão de pernas para o ar.

«É fácil distinguir o pai do filho,
Mas apenas num caso em cada cem
É o pai que tem barba no seu rosto,
Pois quase sempre é o filho que a tem».

Mudança — mudança de normas — um mundo que se muda em círculos. É simplesmente o estado de coisas em que temos de viver. Mas no meio de tudo isto, não podemos deixar cair os nossos braços e simplesmente desistir. Uma maturidade equilibrada permitirá que passemos a salvo esta crise. E para uma maturidade equilibrada não é necessária uma parada de inseguranças. Não necessitamos de viver vidas baralhadas. Muitos de nós procuramos viver uma vida sofisticada quando afinal o que necessitamos é de encontrar energia espiritual. Muitos procuramos colocar-nos no grupo da maioria, quando o que necessitamos é de pertencer ao grupo remanescente.

Deparamos com um esquizofrénico espiritual em Lucas 10. Lembrais-vos dele? Ele tentou armar uma ratoeira a Jesus. Era um homem de leis. Era inteligente. Mas também necessitava desesperadamente de auxílio. Perguntou a Jesus: «Que farei para herdar a vida eterna?»

A réplica foi cortês: «Que está escrito na lei?»

Foi uma boa resposta a que lemos em Lucas 10:27. Disse então Jesus: «Está certo. Muito bem. Então faz isso». Este homem de leis ficou embaraçado e tentou justificar-se e argumentar. Jesus então continuou, aproveitando a pergunta que fora formulada: «Certo homem desceu a Jericó». Nada mais vulgar. Mas o que é facto é que o sacerdote e o levita encontravam-se entre os ouvintes de Jesus naquele momento. Pergunto a mim mesmo que pensamentos eles tiveram ao ouvirem a história.

Jesus falou acerca do sacerdote. Sem dúvida que a sua atitude foi razoável. O desgraçado que se encontrava na valeta podia bem ser um samaritano. Podia estar morto. E havia então a considerar

as leis da purificação. Mas de qualquer maneira ele estava com pressa. Tinha uma reunião de conselho sobre assuntos religiosos em Jericó, à qual não podia faltar.

O levita, pelo menos, ainda foi curioso. É lamentável, mas porque será que não há mais polícias nestas redondezas? Alguém devia fazer qualquer coisa. Que espectáculo confrangedor! Mas o levita nem sequer conhecia os primeiros socorros...

Finalmente passou o samaritano. Ele atravessava uma área perigosa. Ele sabia muito bem qual seria o resultado provável se as posições estivessem invertidas e se fosse ele que estivesse na valeta. Mas o samaritano tinha um coração. Mais ainda, ele conhecia algo de primeiros socorros. Não somente isto: ele podia também conduzir a ambulância.

Então Jesus perguntou: «Quem foi o próximo?» e a resposta era óbvia. Jesus narra aos Seus ouvintes e ainda o faz hoje de maneira audível e clara, que a religião é algo de activo e não passivo. A maturidade espiritual não se pode desenvolver numa cadeira de balanço, à medida que os anos correm. Nós não somos espectadores. Saímos das bancadas. Nós somos os jogadores.

É você um sacerdote orgulhoso, um levita curioso, ou bom samaritano?

Preparemos a nossa mente, dispunhamo-nos espiritualmente, e vamos em busca de Deus. O facto de nos aprontarmos exige muitas coisas. Isso significa que necessitamos de aprontar a nossa mente e o nosso coração. Isso significa mais educação em todos os sentidos. A sua missão primordial é o dever de se educar durante toda a vida.

Necessita também de ter a certeza de que se vai dirigir, sabe exactamente para onde vai.

Tomei o teleférico até ao cume da montanha de Haystack no Vermont do sul. Era um daqueles esplendorosos e belos dias que encantam os praticantes de ski. Uma descida ia ser organizada. Havia várias pessoas que olhavam indecisas. Um cartaz advertia: «só para desportistas experimentados». Eu não o sou.

Teve então lugar a partida para a competição. O primeiro esquiador era ovacionado freneticamente. Os seus skis eram de profissional. O vestuário perfeitamente adequado. Os seus movimentos eram possuídos de uma graça natural que nos fazia invejar. Encosta abaixo veio ele serpenteando até chegar ao ponto em que nos encontrávamos. Rápidamente olhou de novo para a nova etapa e sem um movimento de hesitação gritou para nós «venham comigo» enquanto prosseguia a sua descida. Mas instantes eram decorridos quando em vez de deslizar na neve se viu sobre gelo. Num momento deparei com uma das mais espectaculares quedas que os meus olhos já presenciaram. Durante cerca de trinta metros todo o seu corpo parecia ter-se desconjuntado. Skis, braços, pernas tudo escorregava pelo gelo. Finalmente conseguiu estacar. Num momento aprumou-se, e embaraçado com a situação que criara, prosseguiu até ao fim desta etapa.

Pensei para comigo: se me estou a preparar para dirigir a outros, tenho de saber ser um dirigente, tenho de saber para onde vou—sem qualquer hesitação. Para ter a certeza, necessito de uma constante preparação, uma tenaz persistência. Não se trata de «tanto se me faz», «o que for será», «no momento improvisa-se», «quando tiver disposição faço», «quando me sentir inspirado, então agirei». Não se pode depender de inspiração momentânea. Necessito de um progresso consistente e cheio de determinação pois trata-se do serviço para Deus—careço de uma diária determinação férrea para as consecuições quotidianas. Não se pode depender de atalhos. Não se pode buscar o caminho mais fácil, o método mais simples, esperando que um milagre barato aconteça. É necessário trabalhar—agora—com persistência. Deus tem agora reservadas para vós experiências maravilhosas, e para mais tarde, grandes coisas vos aguardam. Por isso preparai-vos. Estai prontos. Encontrai estabilidade, estabilidade emocional e espiritual, na vossa vida. Tornai-vos possuídos do sentimento de que está a ter lugar den-

tro de vós o maior acontecimento da vossa vida—a conversão.

É surpreendente verificar quantas pessoas passam alguns anos ao serviço de Deus antes de experimentarem uma conversão genuína. Mas é a realidade.

Por conseguinte, preparai-vos, estai prontos, parti. Gostaria de vos recomendar o serviço para Deus, e de uma maneira especial o serviço nos campos missionários longínquos. Imaginai-vos ao serviço de Deus no estrangeiro, em lugares onde as necessidades são prementes, as aventuras numerosas, e os resultados compensadores. Ali encontrareis a melhor utilidade para a vossa vida. Porque não pensar a sério neste assunto? Talvez você se pudesse um dia tornar um missionário—um dia em breve. Isso seria a melhor coisa que lhe podia acontecer. Não gostaria de o fazer? Não espere mais. No fundo não existe o chamado missionário estrangeiro. No momento que desembarcais numa terra estranha, tornais-vos missionários em vossa própria casa. Então porque não começar a sê-lo a partir de hoje?

É verdade que nem todos se podem tornar obreiros de Deus, nem todos podem vir a ser missionários. Se preferis o enfatiante conforto, os hábitos sedentários, então ficai em casa. Mas se tendes saúde razoável, inteligência, entusiasmo e dedicação, se andais à procura de algo que vos dê uma satisfação completa, se procurais recompensas para agora e para depois, então ficai certos que a aventura ideal só se pode encontrar no serviço para Deus. E depois quando os vossos anos forem numerosos, podereis dizer: «esses foram os meus melhores dias».

Mas como se concilia este assunto com a Semana de Oração? Simplesmente porque tenho notado que os jovens normais têm problemas e preocupações normais, que tendem a desaparecer quando uma pessoa decide dedicar a sua vida a Deus e ao Seu serviço.

Crê nisso? Então tente. Se não crê... tente também.

Perdido e Achado

Não há muito tempo fui a uma igreja em Jerusalém — um sonho realizado. Na pequena igreja adventista encontravam-se naquela manhã vinte e nove pessoas. O sermão foi traduzido em seis línguas diferentes! Uma espécie de Pentecostes! No Domingo pude subir ao Monde das Oliveiras, onde permaneci por algum tempo onde Jesus se despediu dos discípulos. Desci então o caminho poeirento que leva ao Getsemane, atravessei o Cedron e passei pela porta de Santo Estêvão. Fercorri o átrio de Pilatos e o caminho que levava à cruz, e finalmente penetrei na Igreja do Santo Sepulcro onde deparei com uma das situações mais vergonhosas que os meus olhos já viram.

A Igreja do Santo Sepulcro está hoje dividida entre numerosas seitas cristãs, defendendo cada grupo perniciosamente a sua parte na igreja. A caça ao dólar do turista chegou a tal ponto, a rivalidade entre eles tornou-se tão acre, que nem mesmo conseguem cooperar entre eles para cuidar da manutenção do edifício da igreja. O governo de Israel teve de intervir a fim de restaurar o telhado do edifício. Homens têm dedicado toda a sua vida a defender a pequena área que lhes está confiada. Ao me entrarhar naquele triste exemplo de amor cristão, a minha atenção foi atraída pelo dedo de um dos homens: «Quer ver rocha genuína?».

«Sim», respondi, «gostava de ver rocha genuína». Com olhos brilhantes e com um ar de quem tem um segredo a confiar, tomou-me pelo braço para trás de uma cortina, ajoelhou-se, abriu ainda outra cortina, e excitado exclamou: «Rocha verdadeira! Ali está — a rocha verdadeira!» Vi então um pedaço de granito que saía do chão, que me apresentavam como sendo a sepultura de Cristo. Tratava-se, segundo diziam, da verdadeira pedra, pois as do lado estavam fora de hipótese, as que eram mostradas pela denominação religiosa da porta ao lado eram falsas. Esta é que era a pedra genuína! O meu coração sentiu-se

desfalecer. Como poderia eu falar-lhe da Verdadeira Rocha? Tentei. Ele não mostrou compreender. Queria dinheiro. E ao me afastar, o meu estômago sentia-se revoltado.

Quantos de nós passamos o nosso tempo a lutar por causas perdidas invocando o Senhor, ou então nem sequer chegamos a lutar! É o nosso cristianismo vital e dinâmico, ou advogamos apenas uma causa terrena? Demasiados dentre nós estão a dispendar tempo demais servindo sem ter o seu próprio coração transformado. Existe demasiada condescendência própria enquanto a vida continua por mudar.

Em determinada companhia aérea deparei com um anúncio dirigido aos turistas: «Os nossos aviões mudam de céu mas não a vida dos passageiros que cruzam os sete mares». Isso aplica-se a muitos de nós. Não passamos de cristãos acomodados no nosso pequeno canto. Saudáveis, ricos e sábios — sim, nós o somos, aos olhos de muitas pessoas. Mas cresce o nosso cristianismo salutarmente, vivendo uma experiência vigorosa, ou estamos nós seguindo apenas uma série de normas e ritos?

No mês de Julho do ano passado encontrava-me num monte do Congo. Tinha lugar ali um congresso. Cerca de 2.800 Watusis adventistas estavam reunidos. O seu vestuário é diferente, a sua vida é diferente, a sua língua é diferente da nossa. Apresentámos cinco sermões consecutivos, naquela manhã de Sábado. Gostaria de vos poder descrever a intensidade que senti, a intensidade da sua fé. Eles estavam cansados de revoluções e derramamento de sangue, de crime. Eles queriam ir para o lar. Estavam cansados desta terra. Súbitamente lembrei-me que todos eles olhavam para nós europeus como pessoas que têm todas as respostas, conhecemos todas as normas, temos planos, dinheiro e soluções para tudo. O seu olhar denunciava expectativa ante as respostas que iríamos dar. Mas naquele momento compreendi que eram eles que tinham fogo na sua fé. A dúvida

pairou no meu íntimo: e nós? Onde está esse fogo?

Que nos diria Cristo? Creio que encontramos a resposta em Lucas 15 — o capítulo das parábolas «perdidas». Cristo contava histórias frequentemente. Eram lições poderosas. Os Seus sermões eram no entanto simples e directos. Entre as pessoas que O escutavam, deparavam-se geralmente dois grupos. Havia os pecadores, que pareciam apreciar o que Jesus dizia. Vinham porque estavam espiritualmente famintos; necessitavam de ajuda, e encontravam-na. E havia então um segundo grupo — os fariseus e escribas — que pareciam não estar à vontade e demonstravam descontentamento sobre o que Jesus estava a dizer, mostrando-se críticos e cheios de azedume. Pergunto a mim mesmo se esses dois grupos não existem ainda hoje.

Em Lucas 15:4-7, 8-10, 11-32, nas três parábolas «perdidas», distinguimos perfeitamente o Israel ortodoxo de então e o Israel ortodoxo de hoje. As parábolas do século vinte, embora apresentadas à maneira do primeiro século, têm a mesma validade de hoje, como o tinham então.

Nas primeiras duas parábolas Jesus mostrou aos fariseus a atitude que eles deviam ter tomado; na terceira foi-lhes mostrado como agiram na realidade. E isso é precisamente o que Ele deseja que nós compreendamos. Sim, porque o perigo dos efeitos da aridez e do orgulho dos fariseus é tão real hoje como nunca o foi.

Lembraís-vos da primeira parábola — a da ovelha perdida. É uma história simples. Um homem que tinha cem ovelhas, verificou certa noite, ao voltar para casa, que apenas restavam noventa e nove. Fechou-as no curral e foi à procura da ovelha perdida. Buscou-a até a achar. Ao regressar a casa, a sua felicidade era tanta que fez uma festa. Eis em traços largos o conteúdo desta parábola.

Contudo ainda existem tantas coisas nela implícitas. Vejamos melhor. A ovelha encontrava-se perdida, e tinha consciência do facto. Mas carecia de conhecimento, de vontade, de motivação, de persistência, para regressar a casa. Existem pessoas nessas condições hoje, quer dentro quer fora da igreja. O pastor foi em busca da ovelha, e eu sinto-me grato porque ele o fez. Deus continua a vir em nosso socorro — e isso é bom; não O poderíamos encontrar

doutra forma. A ovelha limitava-se a balir. (Leia o que vem sobre esta parábola no livro «Parábolas de Jesus»).

Vemos assim que esta é geralmente a maneira como as coisas se passam. Uma vez na posse do conhecimento do que é correcto, se pusermos esse conhecimento de lado, tornamo-nos as criaturas mais miseráveis. Não é uma experiência feliz o facto de abandonarmos a igreja.

Ao regressar para casa, o pastor não usou de castigo; não temos conhecimento de ter posto em prática qualquer espécie de disciplina; nem mesmo foram proferidas palavras ásperas — limitou-se a trazer a ovelha de regresso a casa. Mas a melhor lição que podemos extrair é o facto da alegria que se fez sentir no céu — a alegria do regresso ao lar. E nós procedemos de maneira tão diferente. Condenamos, afirmamos, pomos as pessoas no seu lugar e deixamo-las ali. E quando pecadores voltam ao lar, encontram muitas vezes criticismo e desconfiança. «Crê que ele aprendeu a lição desta vez?» A propósito, quantas ovelhas perdidas ajudou você nos últimos tempos? Encontram-se pessoas necessitadas de auxílio em todas as Igrejas. Porque não começar por si mesmo?

Não é curioso verificar que há mais alegria por um pecador que se arrepende que por noventa e nove justos!

Em Lucas 15:8-10 encontramos a história da moeda perdida. Lembrai-vos que a mulher tinha dez moedas e perdeu uma. Ela limpou toda a casa, e finalmente encontrou o que procurava. Ficou tão contente que fez uma festa para celebrar o facto. Haverá alguma diferença entre a ovelha perdida e a moeda perdida? Sem dúvida que há, e grande. A ovelha sabia que estava perdida; a moeda evidentemente que não. E a moeda estava perdida em casa.

Será que você se pode perder na casa de Deus e não se dar conta do facto? Tem sido membro da igreja durante quase toda a vida? Segue os princípios da religião? É um cristão sedentário? Vai à igreja por hábito? Paga o dízimo porque lhe disseram para o fazer? Está a ver a tragédia — E Paulo reconheceu esta possibilidade em I Coríntios 9:27 — nós podemos viver uma forma de piedade, sem possuir os chamados grandes pecados, e não obstante estar cegos no que diz respeito a alguma coisa na nossa vida. Não existe maior tragédia que

a daquele que está de tal maneira ocupado, mesmo no trabalho da igreja, que se perde.

Finalmente temos a história do filho que se perdeu — que nós conhecemos pelo filho pródigo. Este relato é ao mesmo tempo história, poesia e profecia. É uma história condensada do pecado e da redenção; é um belo hino de salvação; é uma profecia para cada um de nós. Você entra algures nesta história. Já procurou saber onde? Há muitas filhas e filhos pródigos hoje, e muitos que não estão nos países longínquos. Existem mais na nossa igreja do que pensamos — alguns estão de volta, outros a sair.

Mas analisemos esta história. O rapaz queria liberdade. Isso é perfeitamente natural. Estava farto de ouvir «não a isto», «não àquilo», «não podes fazer isto», «não podes fazer aquilo», e ele já estava farto. Queria sair. Há alguma coisa aqui para a qual desejo chamar a atenção daqueles que conduzem automóveis. O carro tem um travão e um acelerador. Se o seu pé estiver sempre no travão, nunca chega a parte nenhuma. Se estiver sempre no acelerador, não tardará que vai ter um acidente. É prudente usar ambos os pedais para que a viagem decorra bem.

E a mesma coisa está envolvida no crescimento. Os jovens gostam de conservar o seu pé a maior parte do tempo no acelerador. O pai e a mãe estão sempre a pôr o pé nos travões. Mas é sábio usar ambos os pedais na adolescência. Se possuíis um pai ou uma mãe que diz «não» de vez em quando, deveis dar graças a Deus. Conheço jovens que não têm esse pai e essa mãe. As suas vidas são uma autêntica tragédia.

O grito de liberdade sem responsabilidade é comum nos nossos dias. Foi esse o grito do filho pródigo. «Pai, dê-me tudo o que me pertence». E o pai concordou. Será isso uma surpresa? Não, talvez não. O pai compreendeu que não valia a pena pregar-lhe um sermão nesta altura. Com o coração partido, ele deve ter compreendido que se o filho quer ir, então deve ir. E assim se foi embora o rapaz.

É vergonhoso o facto de não sermos capazes de aprender as lições dos outros? Não é triste verificar quantas pessoas insistem em seguir o seu próprio caminho, até bater com a cabeça nas paredes da vida, para depois reconhecerem que foram

longe demais, regressando ensanguentadas, mais sábias, mas cheias de cicatrizes.

O pai concedeu, sabendo de antemão as possibilidades, os possíveis resultados. E por vezes Deus dá-nos o que pedimos para nos pôr à prova. Demasiado frequentemente falhamos. Frequentemente esbanjamos os talentos e bens dados por Deus, o que nos ocasiona tropeçar e cair.

Podemos imaginar aquele rapaz quando saiu: com um sorriso de contentamento no seu rosto, com a pasta cheia de dinheiro, desejoso de mostrar ao mundo que «sou livre; sou independente; sou um homem». Como em casa ficou um pai pensando para consigo «Será que cometi um erro? Espero que não».

E assim foi para uma terra distante. Porquê? Porque pretendia fugir da sua própria consciência. Começou então a vida que tinha sonhado. Era popular e rico. Tinha amigos, podia fazer tudo o que queria — ir ao teatro, ao clube, aos restaurantes. E aquele cliente tornou-se um bom consumidor do que tinham para lhe dar. A Bíblia diz que ele desperdiçou o que tinha, incluindo o dinheiro e a sua própria pessoa.

Então ruiu o telhado. A desgraça bateu à porta. Foi-se o dinheiro, foram-se os amigos; e que aconteceu com a sua liberdade? Descobriu o que toda a gente tem de descobrir, mais tarde ou mais cedo — que a liberdade no pecado é uma ilusão. Por esta ou aquela razão ainda não conseguimos que esta ideia penetrasse na nossa mente. Só existe uma espécie de liberdade: viver a espécie de vida que Deus criou, e deseja que nós vivamos. As nossas mentes, os nossos corpos, existem para funcionar de uma determinada maneira. A vida é melhor quando é vivida de acordo com a vontade de Deus. Se andais em busca da liberdade, de independência, de felicidade, de sucesso, tudo isso encontrareis somente, seguindo nos caminhos de Deus.

Há muitas pessoas que nos lembram Romanos 1:22: «Dizendo-se sábios, fizeram-se loucos». O rapaz de que nos fala a história de Cristo perdeu-se vivendo uma vida de vícios — a pior espécie de escravatura. Comer com os porcos é uma boa descrição do vício, mesmo hoje. Porém este pobre rapaz nem sequer com os porcos comia. Estava sentado sozinho, com inveja deles.

É certo que não existem só filhos pródigos; há também filhas pródigas. E I Ti-

móteo 5:6 lemos «a que vive em deleites, vivendo está morta».

Assim o filho pródigo caiu em si. Sentiu-se atormentado e começou a pensar. Sentia-se humilhado. Ia preparando as palavras a dizer, após a sua decisão de voltar para casa. Eu gosto disso. O regresso ao lar caracterizava-se por um passo mais cadenciado; é sempre assim. Maria e José perderam-se de Jesus durante um dia e só ao terceiro dia O conseguiram encontrar. Podeis perder de vista a Jesus durante um instante, e quantas vezes o caminho de volta é moroso, extenso e doloroso. E assim o filho pródigo pôs-se a caminho de regresso ao lar. Agora sorrimos e dizemos: «muito bem, agora a história vai terminar bem». Isso é verdade. Mas que diremos de todos aqueles que ele deixou atrás de si? Quantos saem, com planos de voltar, sem contudo o chegar a fazer. Muitos filhos pródigos nunca regressam. Ao saírem, ouvem as palavras indulgentes: «deixa-o cair, só se é novo uma vez» — o que considero a filosofia mais louca que já se viu nesta terra.

Então começam a chover críticas. «Pois é, esperou até estar na miséria, até ficar sem nada, para depois voltar para casa a chorar. Essa é uma péssima maneira de querer atingir o céu». Creio que sim. Mas sempre é melhor do que nunca voltar. Não esteja à espera de ser suficientemente bom para então voltar para Deus. Comece agora.

E estamos chegados a um dos mais belos quadros da Bíblia. Aquele pai que todos os dias contemplava aquela estrada poeirenta, sentia o seu coração quebrantado. E quando certa manhã, naquele dia inesquecível, olhou na direcção habitual, deparou com uma figura bem conhecida. Não hesitou um momento. Ele sabia de que se tratava. Muitos de nós, suponho, se estivessemos no lugar daquele pai, permaneceríamos à porta da casa com os braços cruzados. Teríamos ido chamar a mãe. «Anda cá fora, vê quem está a chegar a casa. Vejamos o que tem a nos dizer». Mas aquele pai não procedeu assim. Sem se preocupar com a sua idade ou dignidade correu tão depressa quanto as suas forças lhe permitiram. Alcançou o rapaz. E este começou a falar. Mas o pai não quis ouvir. Tirou o seu casaco e pô-lo aos ombros do filho. Deu imediatamente instruções aos seus servos: «Preparem uma refeição. Vamos ter um banquete».

Importam-se que acrescente algumas palavras a esta história? É certo que não está na Bíblia. Mas muitas vezes pergunto a mim mesmo o que terá pensado aquele rapaz no decorrer daquela festa. Creio saber a resposta porque tenho visto alguns filhos e filhas pródigos voltarem para casa. E todos reagem da mesma maneira. Ele olhou para seu pai com os olhos bem arregalados. Não podia acreditar no que via. Que mudança se tinha operado no seu pai? Antes tão austero, tão estrito, tão difícil, tão negativo, tão autoritário. Mas agora estava completamente diferente. Teria o pai mudado na realidade? Talvez não tanto. Sim, porque a mudança tinha-se operado, mas no coração do filho. Ele via agora o pai com olhos bem diferentes.

Essa é também a nossa experiência depois da conversão. Se Deus vos parece atormentar com «Não a isto», «não aquilo», «não podes fazer isto», «tens de fazer aquilo» — um Deus estrito, austero, sem amor — olhai de novo para Ele. Fixai-O detidamente. Ele é um Deus de amor que ama mesmo a você, que me ama mesmo a mim, e que está disposto a dar-nos a vida eterna. É surpreendente. Se você está ansioso por disfrutar uma vida fácil, bela, sem problemas, livre, cheia de música, cheia de promessas auspiciosas de riqueza e fama, detenha-se um momento e concentre-se em dois quadros: o rapaz que olha para as bolotas que constituem o alimento dos porcos, e o mesmo rapaz olhando para seu pai, naquele lar onde existia uma família, amor e afeição. Será que desta vez estará disposto a ver, dar ouvidos e aprender?

E agora introduzamos um interlúdio infeliz, um parêntesis miserável, que inclui a muitos de nós. Eis que entra em cena o irmão mais velho. Ele era uma daquelas pessoas a quem chamamos «santos azedos». Não hesitou em avançar e chamar a atenção de seu pai. Lembremo-nos de uma coisa acerca deste irmão mais velho. Ele tinha razão, toda a razão. O irmão mais novo tinha gasto muito dinheiro de uma maneira louca. O irmão mais velho não podia ter mais razão e por isso sentia-se totalmente infeliz — com seu pai, e com seu irmão. E decidiu então pôr as coisas direitas. Embora com razão, estava miseravelmente enganado na maneira como queria remediar o assunto, na maneira como clamava

por justiça, na maneira como julgava e condenava.

Será que um dia você terá de enfrentar o juízo, na qualidade de irmão mais velho? O ponto que Cristo deseja salientar consiste apenas em que é mais importante o crescimento espiritual do que qualquer outra coisa. É certo que o irmão mais velho tinha permanecido em casa durante todo o tempo, mas não tinha crescido. Tinha-se tornado um santo estagnado.

O filho pródigo era extremista, radical, rebelde. Talvez nós não sejamos radicais, rebeldes, ou extremistas, e então apliquemos a parábola a outras pessoas. Mas todos nós, pelo menos uma vez por outra, temos estado no caminho do filho pródigo. Não interessa a nossa idade. A despeito de quantos anos tendes, de quantas posições ou títulos vos identificam, de quantas pessoas tendes ajudado no passado, não interessa quem sois, onde vos encontrais, tende em mente que as artimanhas de Satanás ainda podem fazer com que ele se apodere de vós. Isso acontece todos os dias. E se há pecados na vossa vida, e vós os conheceis, mas não sentis nem força nem coragem suficientes para vos desembaraçardes deles, lembrai-vos de que existe um Pastor que está desejoso de vos levar de

regresso ao lar. Dai-Lhe essa oportunidade de operar em vós.

Se a vossa fé entrou numa rotina mortal, se vos sentis sedentários, se seguís a religião de maneira legalista, se a vossa vida não está verdadeiramente lavada, então é tempo de fazer uma limpeza radical. Vós sois a moeda perdida. Deus vos procura. Mas se sois antes o filho pródigo que regressa ao lar, então cantai e não deixeis de sorrir. Não estamois em tempo de lágrimas, a não ser que sejam lágrimas de alegria.

Se sois irmãos antigos na igreja, se vos encontrais na fé há muito tempo, se achais que parece que já não há ninguém que proceda como nos tempos antigos, ou se sois mordazes, sarcásticos e críticos, como o irmão mais velho do filho pródigo; ou então se estais no caso daquele filho que quis sair da casa paterna, parai. Detende-vos agora, e pensai de novo. Há mais pessoas do que você pensa que sabem bem o que significa perderem-se e serem encontradas de novo. Porque não haveis de poupar a vós próprios a agonia, as cicatrizes, a vida desperdiçada, as recordações amargas. A vida com Deus é a única que vale a pena ser vivida.

SEGUNDA-FEIRA

Socorro!

O seu nome queria dizer «o puro», e esse facto devia constituir uma das histórias humorísticas mais conhecidas da cidade. O senhor Puro — Ah! O homem mais odiado na terra! Era rico, poderoso, detestado. Chamava-se Zaqueu. Além disso era de baixa estatura e gordo.

A notícia de que Jesus estava a chegar tinha-se propagado por toda a cidade de Jericó, e Zaqueu também teve disso conhecimento. Ele já tinha ouvido algum tempo antes falar de João Baptista, e algo se passava na vida de

Zaqueu. Sabia que Mateus, outrora publicano, se tinha tornado um discípulo. Ele deve ter dito para consigo naquele dia: «Tenho de ver esse homem.» Não o podeis imaginar, no meio da multidão, baixo e com andar característico, na ponta dos pés, procurando desesperadamente ver a Jesus?

Teve então de pôr todo o seu expediente em acção. Uma ideia súbita lhe atravessou o espírito. Percorreu algumas ruas, saiu da cidade, e subiu então àquela árvore, tomando posição num ramo que dava para a estrada. Também

encontramos humor na Bíblia, e esta é uma das melhores cenas: aquele banqueiro bem vestido, que provavelmente desde que atingira a idade adulta, nunca tinha subido a uma árvore, ali estava, ofegante, a transpirar, com as faces coradas, trepando lentamente até ao ramo escolhido. Alguém que por acaso passasse nesse momento, há-de ter conjecturado porque seria que aquele homem subia à árvore. Mas ali estava ele, com a respiração alterada, agarrado aos ramos, em atitude de expectativa.

Súbitamente viu uma grande multidão que saía das portas da cidade. Deteve-se por momentos. Zaqueu não compreendeu que Cristo curava naquele momento o cego Bartimeu. Então aquela massa humana avançou estrada fora, e em breve estavam perto da sua árvore. Podeis imaginar o que Zaqueu sentiu, e o que os seus olhos testemunhavam? — De repente conseguiu distinguir a Jesus no meio da turba. Não podia ser outra pessoa!

Os seus olhos fixaram-se sôfregamente n'Ele, à medida que Jesus se aproximava mais e mais. A multidão estava agora mesmo debaixo dele, e Jesus ali se encontrava, tão perto. Súbitamente Jesus parou e olhou para cima. E ao fazê-lo, todos O imitaram, não tenhamos dúvidas. Não podeis imaginar alguém no meio da multidão, com a mão na boca para conter o riso, segredando para a pessoa do lado «já viste quem está ali?» Zaqueu deve naquele instante ter ficado bastante corado.

Jesus disse: «Zaqueu desce, porque hoje vou comer a tua casa.» Pergunto a mim mesmo como é que ele não caiu do ramo em que se encontrava, tal foi a sensação de que se sentiu possuído. Podeis imaginá-lo a descer da árvore à pressa, com muitas mãos em baixo a tentarem ajudá-lo? E então conseguiu abeirar-se de Cristo. Ellen White escreve: «não crendo no que os seus olhos viam», «indo como se tudo fosse um sonho». A sua alegria devia ser imensa. Então deteve-se. «Um momento — desejo que todos saibam. Metade de tudo o que tenho vai para os pobres, e àqueles que defraudei, vou restituir em quadruplicado.» Um dia quando estivermos no céu, gostaria de fazer a seguinte per-

gunta a Zaqueu: «Ainda ficou com algum dinheiro?» Sem dúvida que sim. A Bíblia relata as palavras de Jesus: «Hoje veio a salvação a esta casa.» Lucas 19:9.

Gosto desta história. Zaqueu cometeu erros, mas estava sinceramente arrependido. Tinha claudicado, mas reparou o mal. Era um pecador, mas encontrou a salvação. Estava confuso, mas depressa se refez. Não era hipócrita. Era egoísta, mas tornou-se altruísta. Gosto muito de Zaqueu. É um homem às direitas.

Num outro capítulo, noutra dia, outro homem correu. (Marcos 10:17). Era um jovem. Tinha entusiasmo, talentos, virtudes. Estava destinado a ser um dirigente. Um dia viu Jesus a falar com as crianças e ficou impressionado. Pensou durante alguns momentos, e tomou uma rápida decisão. Correu para Cristo. «Bom Mestre», disse, «Que farei para herdar a vida eterna?» Sentiu uma necessidade, uma necessidade sincera. Não podemos duvidar da sua sinceridade.

Cristo disse: «Porque me chamas bom?» e isto apenas para fortalecer a sua fé. Então mostrou-lhe que devia guardar os mandamentos o que levou o mancebo a pensar «Muito bem. Tenho feito tudo isso.» Ele sentiu-se como que a um passo da perfeição. Jesus pôs então o dedo na ferida, no problema: «Vende... dá aos pobres... e segue-me.» Exige Ele isto de nós? Não necessariamente, mas tem o direito de o fazer. Tudo depende de qual seja o nosso problema.

O semblante do jovem descaiu, desvaneceu-se o seu entusiasmo, e retirou-se. Eis aqui o caso de duas pessoas que desejavam ser discípulos de Jesus. Um conseguiu-o, o outro não. Em que grupo estamos nós? Com Zaqueu, com toda a sorte de erros, mas desejo de tudo reparar, incluindo o despojar-me do meu egoísmo? Ou pelo contrário, decidido a permanecer assim? O egoísmo constitui um dos problemas principais do mundo de hoje. O sentimento do egoísmo leva a pessoa a todos os extremos. Estamos demasiado preocupados com os nossos direitos e privilégios. Ninguém me há-de pôr o pé em cima.

Tenho de me proteger neste mundo de «salve-se quem puder».

Sabia que os vícios da droga e do alcoolismo têm como causa principal o egocentrismo? O programa dos famosos Alcoólicos Anónimos baseia-se inteiramente na luta contra o próprio eu, ajudando outros. O meu voto de altruísmo não é nenhum voto sem importância. No decorrer dos anos da minha carreira, tenho constatado que o egoísmo causa mais dificuldades entre os casais do que os pais, professores, regras de disciplina, interesses de terceiros tudo junto. O egoísmo causa mais dificuldades, tensão, sentimento de ressentimento e más compreensões na família do que as finanças ou outra qualquer coisa. O egoísmo causa mais divisão e dispersão na igreja do que uma doutrina estranha. O egoísmo pode causar mais dificuldade na sua própria vida, na sua luta pelo crescimento espiritual, do que a maior parte de todos os outros problemas.

Busca um equilíbrio espiritual? Deseja satisfação espiritual? Então o seu slogan deveria ser «SOS — Abaixo o egoísmo». A missão mais espinhosa que lhe poderia ser confiada seria fazer uma lista de todos os actos egoístas da sua vida. A missão mais fácil seria fazer uma lista dos actos de egoísmo dos seus amigos, da sua família, dos que o rodeiam. Sofremos todos de egoísmo. Não importa quem somos, quantos anos temos de vida sobre a terra, teremos sempre de lutar contra o egoísmo. A diferença entre uns e outros é uma questão de saber melhor ou pior esconder os seus sintomas debaixo de uma cena.

Uma sábia senhora idosa, ao falar com alguém, disse: «Ela nunca ficará melhor enquanto não se despojar de si própria». A maioria de nós necessita de expulsar, progressivamente, cada dia, um pouco do nosso eu. Se orarmos «Senhor, ajuda-me a despir-me do egoísmo», as nossas vidas serão surpreendentemente diferentes e vitoriosas. Há jovens na idade escolar como o mancebo rico que disse «sim, eu sei o que devia fazer, mas isso acarretaria o abandono de muitas coisas». O egoísmo estúpido dará cabo de si. Um factor perturbante deste assunto é que na verdade compreendemos que o egoísmo não é saudável, e assim pro-

curamos encobri-lo. Levantamos uma fachada. Aprendemos a lenga-lenga ideal, munimo-nos das palavras aconselháveis, aprendemos a sorrir e a abanar com a nossa cabeça no momento exacto, mas debaixo de tudo isso existe um fermento corrosivo que nos tortura e que tem como base o egoísmo.

Um amigo meu lia certa vez em sua casa o jornal. Nesse momento tocou o telefone. Uma voz agitada suplicou-lhe que viesse imediatamente ao hospital. Um amigo seu estava á morte e pedia a comparência dele. Momentos depois estava á beira do leito daquele amigo de muitos anos, que vivia as últimas horas da sua vida. Tinham-se conhecido durante vinte anos. Enquanto falavam calmamente, eis que súbitamente o paciente se levantou no seu leito. A sua face assumiu uma expressão de dureza. Com voz áspera exclamou a alguém que se encontrava á porta: «Sai daqui!». O meu amigo voltou-se, e para surpresa sua deparou com a esposa do moribundo. Ela mordeu os lábios e desapareceu.

O doente voltou-se para o meu amigo, e como que sacando a rolha de uma garrafa despejou todo o conteúdo — uma amarga história motivada pelo egoísmo. Uma hora mais tarde o meu amigo regressou a casa. Na manhã seguinte aquele homem tinha falecido. Uma semana mais tarde a viúva foi encontrada junto a uma sepultura recente, cavando histéricamente a terra, implorando perdão. A sua mente tinha-se partido como se fosse uma corda de relógio demasiado apertada.

Sede honestos, francos rectos para convosco próprios, para com Deus, para com os que vos rodeiam. Fazei guerra ao egoísmo — desesperadamente — dentro da vossa vida.

Alguém equacionou da seguinte maneira o problema: «Não seja egoísta com o teu egoísmo; patilha-o com os outros.» Será isso impossível? Não, se deixardes Cristo ajudar-vos. Como? Como todos os que vos precederam e que chegaram ao fim da carreira. Quando a vida finalmente os põe de joelhos, súbitamente descobrem que era por aí que deveriam ter começado.

Porque não vos deterdes esquadri-

nhando o egoísmo nos vossos corações? Ficareis surpreendidos. Porque não ba-

nir o egoísmo da vossa vida? Ficareis agradavelmente surpreendido.

TERÇA-FEIRA

Sim--Quase

Paulo era um piloto aviador de larga experiência, um dos melhores da sua companhia, da qual era vice-presidente. Lidar com ele era um prazer. Os voos a seu cargo partiam de Lima no Peru, e quase sempre rondavam a incrível cadeia de montanhas que é os Andes. Certa manhã ao chegar ao escritório, uma secretária, perguntou-lhe: «Importa-se de pilotar o avião com destino a Pacallpa? O piloto que costuma ir está doente».

«Certamente, por que não»? Ele já tinha feito aquele voo várias vezes. Pouco depois os motores do avião estavam quentes, os passageiros tinham ocupado os seus lugares, e subiam a sete mil metros de altitude. Não tardaram a aparecer os cumes dos Andes, transpostos os quais iniciaram a descida rumo à pequena cidade implantada na selva. Mas naquela manhã ele tinha de voar entre núvens. Os instrumentos de bordo estavam todos a funcionar bem. Não havia motivo para alarmes. A torre de controlo do aeroporto comunicou-lhe quando devia sair das nuvens e aterrizar. Atravessou as nuvens à altitude conveniente, mas um sentimento de horror se deve ter apossado dele. Em vez de uma pista de aeroporto, encontrou-se diante de uma montanha. Procurou desesperadamente subir e quase que passou rente ao cume do monte — quase, mas não na realidade. Houve um choque terrível, e em seguida o silêncio, interrompido apenas pelos ruidos próprios da floresta.

Algumas horas mais tarde as brigadas de socorro atingiram o local. Não houve sobreviventes. A sua esposa e sua família ficaram inconsoláveis. Todos nós que o conhecíamos ficámos impressionados. Todos formulavam a pergunta:

«Como foi possível? Porque aconteceu este desastre?» Como se podia compreender que um piloto tão experimentado como era Paulo tinha saído da rota alguns quilómetros sem se dar conta disso?

Então os peritos de voos sobre a selva explicaram. Muitas vezes depois de uma tempestade na floresta há uma massa de ar em movimento que não chega a ser vento. Nessas condições é difícil de tomar a posição. Paulo teve essa dificuldade e não soube contorná-la.

Esta catástrofe faz-nos lembrar um outro Paulo que, ao chegar ao fim da carreira, não teve dúvidas em dizer: «Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé».

Cada um de nós pode estar num de três grupos. Podemos estar no rumo certo e ter disso conhecimento. Quão felizes somos, se assim é! Podemos estar fora do rumo e sabê-lo. Então talvez vamos procurar entrar novamente no caminho certo. Mas podemos também estar no número daqueles que estão desviados do caminho apenas um pouco mas não o sabemos. A tragédia não se fará esperar. Podemos ter-nos tornado calejados e impermeáveis com muitas reuniões, muitas orações, muitas classes bíblicas. O cristianismo é, em certo sentido, a nossa ocupação. E assim torna-se um hábito. Tornamo-nos vacinados e couraçados. Para nós não há dúvidas acerca do que há a fazer. Preocupamo-nos sempre com o que se passa com as outras pessoas, mas que diremos acerca das nossas vidas? Vamos verdadeiramente rumo ao céu, ou estamo-nos a enganar a nós próprios? Estamos nós as eguir atalhos, em busca de pechinchas, procurando o caminho mais fácil, correndo

atrás de recompensas rapidamente ganhar sem verdadeiramente mudarmos as nossas vidas? Buscamos nós os privilégios do cristianismo, os privilégios que Deus nos oferece, sem querermos assumir as responsabilidades inerentes?

Não se trata de saber há quantos anos o irmão é membro da sua igreja. Tampouco saber há quantos anos está baptizado. A pergunta não é qual a distância que o separa do céu, mas sim quão afastado está do caminho que o conduz ao céu. Não necessitamos de ser convencidos de que vivemos tempos difíceis; não necessitamos de ser persuadidos de que o tempo está a terminar. O âmagô da questão está em saber se nós nos encontramos verdadeiramente no caminho que conduz ao céu. Se estamos na boa direcção. Na boa rota

Pergunto a mim mesmo se o céu não está a tornar-se um termo abstracto, e se não estamos a sair da rota porque ele já não é real aos nossos olhos. Torna-se uma figura histórica que perde o seu realismo. Já não nos excitamos por causa da nossa fé; já não somos atraídos pelas possibilidades que jazem à nossa frente. Já não estamos no caminho verdadeiro.

Há dias fiz a um polícia algumas perguntas.

«Qual é a causa dos acidentes?»

Ele respondeu: «A maior parte dos acidentes é ocasionada por condutores que não permanecem na sua faixa de rodagem.»

«Mas porque não permanecem eles na faixa que lhes compete?»

«Saem da estrada porque adormecem, ou porque não estão suficientemente despertos; confundem os sinais de trânsito ou então estão embriagados.»

Pensei para comigo «é isso mesmo. Saímos da nossa faixa de rodagem.» Por vezes creio que chegamos a tentar o diabo a tentar-nos. Saímos da estrada por causa da influência intoxicante deste mundo, porque não damos atenção aos sinais, porque não estamos suficientemente alerta, porque dormimos espiritualmente. Necessitamos desesperadamente de alguma coisa que nos reconduza ao caminho certo, algo que nos ajude a olhar para nós como na reali-

dade somos, algo que endireite as nossas vidas.

Um jovem casal seguia no seu automóvel por uma cidade dos Estados Unidos. Estava a chover e a relampejar. Pararam quando lhes apareceu o sinal vermelho. Súbitamente começaram a cair tijolos à sua volta. Ficaram em pânico. Sem um momento de hesitação, saíram do carro e correram para debaixo de um toldo do edifício de treze andares que ficava à esquina da rua. Tinham apenas dado alguns passos quando um trovão se fez sentir atrás deles. Chegaram finalmente ao abrigo, voltaram-se, e ficaram paralisados. Cinco toneladas de concreto e cimento tinham caído sobre o seu pequeno carro esmagando-o. Tinham fugido da morte por um triz. Apesar da tempestade, juntou-se ali à volta uma multidão, e fotógrafos chegaram acompanhados de repórteres. Os jornalistas procuravam entrevistar o jovem casal, mas este encontrava-se de tal maneira abalado e pálido, que não conseguia pronunciar palavra. Finalmente a esposa rompeu o silêncio, e como se falasse consigo própria, balbuciou: «A partir de hoje irei sempre à igreja ao sábado».

Teremos nós de ser sacudidos por Deus como se fôssemos meninos que levam tarefa para serem bons? Tem Deus de nos ajudar a decidir que devemos pôr as nossas vidas em ordem? Sim, parece que tem de o fazer, demasiado frequentemente.

Então como devemos nós voltar novamente ao rumo certo? Perguntemos a quem sabe. João conhece bem a resposta. Ele afirma em I João 2:6: «Aquele que diz que Cristo habita nele, deve andar como Ele andou». Se quer ser um cristão, deve viver como tal; por conseguinte comece a agir como um cristão. Imite Cristo, e encontrar-se-á no caminho certo.

Perguntemos a David. Ele era talentoso e inteligente, mas afastou-se muito da rota. Ele diz em Salmos 51:3: «Porque reconheço as minhas transgressões». Essa é a resposta de David. Quer voltar novamente ao caminho certo? Admita as suas faltas, franca, aberta e claramente. Corrija o que está mal. Mas como podemos nós saber se estamos fo-

ra da rota? Perguntemos a Salomão. Em curtas palavras ele diz (Prov. 4:26, 27): «Pondera a vereda de teus pés» Quando se sentir preocupado com o facto de se sentir fora do caminho, veja para onde está a ir; abra os seus olhos.

Pedro também nos pode ajudar. Pedro que tanta controvérsia tem causado. Certa noite saiu do caminho, e quando o retomou, estava todo molhado. Lembrais-vos do incidente relatado em Mateus 14:30? Pedro gritou «Senhor salva-me». E foi o suficiente. Somos nós tão bons que não seja necessário reconhecer que somos como Pedro, e que também precisamos de exclamar «Senhor, salva-me?»

Está preocupado com o facto de ter saído um pouco do caminho sem o saber? Tem razão de o estar. Há professores que passam anos a ajudar os outros, a aconselhá-los, a repreendê-los, a denunciar-lhes os defeitos. E esses professores ganham grande prática nisso. Mas essa capacidade de detectar os erros dos outros é maior do que a habilidade de os enganar. Os alunos também ficam tão preocupados com o que os outros pensam, com o que os outros fazem, com as pressões a que se têm

de submeter, que aprendem demasiado depressa a ignorar as suas próprias desesperadas necessidades espirituais.

Oremos: «querido Senhor, ajuda-me a manter-me verdadeiramente no caminho».

Ao longo dos anos tenho descoberto que há quatro espécies de alunos. Há os que vão na direcção própria, que estão na rota. Escorregam de vez em quando, mas constata-se neles um contínuo crescimento espiritual. Há também os alunos que não estão no caminho, que o sabem, e que desejam mudar. Eles anseiam verdadeiramente a mudança, e acham o percurso difícil. Existe ainda um terceiro grupo. Esses simplesmente detestam admitir que podem estar errados. O orgulho reprime-os, e a pouco e pouco vão descendo, vão saindo da boa direcção. Finalmente há aqueles que não estão na boa direcção, mas que não se preocupam com isso. Contudo há menos nessa categoria do que nós pensamos.

Está interessado numa vida espiritual sadia e vigorosa? Então porque não se detém e não enfrenta o próprio eu? O nosso alvo consiste na maturidade espiritual. Voltemos novamente á rota verdadeira.

QUARTA-FEIRA

Uma Pergunta, Paulo

Foi um funeral doloroso de assistir. Ela tinha dezanove anos, era cheia de vida, feliz, cheia de talento e amistosa, com uma bela voz de soprano, popular entre os alunos e professores. E repentinamente foi acometida por uma doença estranha e rara. Como se pode explicar o que aconteceu? Como poderíamos nós confortar os familiares? Que deveríamos dizer?

A pequena igreja, caiada de branco, estava repleta com os habitantes da terra. A música própria para a ocasião fez-se ouvir. Seguiu-se uma curta resenha biográfica da extinta e um curto sermão. Findo este, a assistência desfilou diante do féretro. Per-

maneci até que me encontrei só com o pai e a mãe. As lágrimas deslizavam abundantemente. Súbitamente a mãe fez ouvir a sua voz. Enquanto viver, nunca mais esquecerei a sua voz clara e forte, ao afirmar cheia de confiança: «Verte-ei amanhã, Cheryl». Foi tudo. Mas aquela confiança, aquela certeza, ainda hoje ressoa aos meus ouvidos.

Essa mesma certeza transparece nas palavras de Paulo: «Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé;... e desde agora a coroa da justiça me está guardada». Certamente gostaremos de combater o bom combate. Não estamos interessados em per-

dê-lo; desejamos ganhar. Mas temos muitas perguntas a fazer. Consultemos a Paulo, pois ele respondeu a muitas dessas perguntas quando escreveu ao jovem Timóteo, da prisão Mamertina em Roma. Incidentalmente, nessas cartas a Timóteo ele faz uso de cento e sessenta e cinco palavras que não tinha utilizado noutras epístolas, o que pode indicar que Paulo, naquela altura idoso, sózinho e na prisão, ainda lia, procurando aperfeiçoar o seu vocabulário, não descurando assim a sua educação. Um bom exemplo a seguir.

Paulo, o irmão ganhou. Como podemos nós ganhar também? Eis algumas das perguntas que temos a fazer. Não sei o que me reserva o futuro: estou preocupado e confuso. Que conselho me dá, Paulo? Ele diria simplesmente: «Deponha o seu futuro em Deus; Ele cuidará de si. Não se preocupe com o passado. Não viva no passado; não viva em acontecimentos ou fracassos passados». Paulo deu o exemplo. Ele olhou para o alvo, para esse dia em que uma coroa que foi preparada e que o aguarda, será inteiramente dele. Essa coroa não será somente para ele, mas de todos os que «amarem a Sua vinda». Quem poderá conhecer o futuro? Quem poderá compreender os caminhos que Deus tem para as nossas vidas, os estranhos meandros, os precalços que parecem nos atormentar constantemente? Há muitas perguntas que nunca serão respondidas enquanto não nos encontrarmos no céu. Mas porque não depormos o nosso futuro nas mãos de Deus e deixarmos de nos preocupar?

Outra pergunta, Paulo: Valerá verdadeiramente a pena passarmos por todas estas dificuldades? Os mais idosos que nos rodeiam parecem estar constantemente preocupados. Nós desejamos divertir-nos. Paulo, que nos diz a esse respeito? Será possível encontrarmos a felicidade? A primeira carta a Timóteo no capítulo 6:17 diz-nos: «Confia em Deus, que abundantemente nos dá todas as coisas para delas gozarmos». E em Actos 2:24 Paulo insiste no pensamento de que as dificuldades não são verdadeiramente um factor importante, «contanto que cumpra com alegria a minha carreira».

Por outro lado teremos sempre de contar com altos e baixos, com dores de coração e de cabeça. Mas terminar a vossa vida com alegria, com a satisfação de um trabalho bem feito, é melhor do que a passar em

amargura, remexendo sempre as cinzas dos anos perdidos.

Já alguma vez andou de montanha-russa? Paga os cinco escudos, ou quanto seja, entra numa das carruagens, segura-se bem, e a composição começa a subir lentamente. A tensão aumenta entre os participantes dessa aventura, à medida que se aproximam do momento em que se precipitarão numa descida vertiginosa. Quanto mais sobe, maior é a tensão. As meninas começam a dar sinais de si, e os rapazes fazem por mostrar destemor.

Subitamente eles aí vão, para cima e para baixo. Há risos estridentes e toda a sorte de manifestações da parte dos participantes. E logo após, a composição pára. Vós saís. E que guardais para recordação? Cinco escudos a menos, e um sentimento de vazio no fundo do vosso estômago. E é tudo. Não foi para isso que foram andar de montanha-russa? É certo que durante o percurso, nada disso sentiam. Mas depois, existe apenas o sentimento do vazio. A vida tem tanto disso. A excitação pela experiência, os caminhos do demónio, tudo isso é atraente — sem dúvida que o é. Mas depois vem a sensação de vazio, com recordações amargas, com desapontamentos ocultos.

Certamente vale a pena toda a dificuldade, se é que se pode chamar dificuldade a isso, para que tudo fique em ordem, e possamos viver nos caminhos de Deus.

Paulo, como poderei eu proceder correctamente, quando toda a gente procede mal? Esta pergunta faz-nos lembrar o que Elias disse certa vez: «Senhor, basta. Já não posso mais. Sou a única pessoa a tentar fazer o que é bem». E Deus respondeu: «Um momento Elias. Ainda há sete mil».

A resposta a essa pergunta vem simples e clara. Em 2 Timóteo 3:1-5 Paulo descreve em pormenor realista os pecados dos nossos dias. E então dá a resposta à nossa pergunta em curtas palavras: «Destes afasta-te». E é tudo. Com a ajuda de Deus, poderemos vencer.

Mas eu desejo ser dono de mim mesmo, fazer as coisas à minha maneira; quero ser independente. Porque não o poderei ser? Em 2 Timóteo 2:1-6 Paulo diz, em resumo, «Ótimo, está bem». Então compara a vida com um soldado, com um atleta, com um camponês. E salienta: Aprende a enfrentar as dificuldades. Não te deixes emaranhar. Trava um combate digno. E depois recebe

a recompensa. Sê forte em Cristo Jesus. Não podes viver sôzinho. Queres ser independente? Então não sigas o caminho de Satanás. É aí que perdes a tua independência. É aí que encontras escravatura genuína. Se queres na verdade ser independente, então segue os caminhos de Deus.

Paulo, necessito de auxilio. Como o poderei obter? Eis que surge a resposta directa. Ele diz-nos em 2 Timóteo 4:17, como conseguiu ele próprio obter esse auxilio. «O Senhor assistiu-me e fortaleceu-me». Quando nos decidimos a fazer algo das nossas vidas, o que devemos fazer é deixar Deus tomar conta da situação. Muitas vezes o orgulho impede-nos de avançar. Mas quando rompemos com as nossas próprias barreiras, quando caímos vezes sem conta, e acabamos por reconhecer a nossa necessidade desesperada d'Ele, então um mundo totalmente diferente se abre diante de nós.

Uma outra pergunta, Paulo. Apesar das minhas intenções, continuo a cair e a cometer faltas. Mas então que se passa? Em 2 Timóteo 4:5 encontramos de novo a sua resposta clara e concisa: «Sê sóbrio em tudo». É assim. Vós caís, cometes faltas. Porque não mantendes os vossos olhos abertos?

Há pelo menos três razões por que os jovens cometem faltas.

1. Gostam de levar pontapés. Depois de cometer a falta, então agridem-se a si próprios com pontapés, por terem sido loucos.

2. Apenas para serem rebeldes. Estão irados.

3. Simplesmente porque não vigiam.

As duas primeiras razões são pueris, mas a terceira constitui um dos maiores erros jamais cometidos. Procuramos solucionar os nossos problemas quotidianos sem os reconhecermos na realidade, perdendo tempo com problemas sem importância, que desaparecem por si mesmos. Necessitamos de distinguir cuidadosamente os apoios falsos na nossa escalada da montanha. Muitas vezes lutamos apenas com problemas imaginários. Podíamos evitar muitos aborrecimentos se tão somente mantivéssemos os nossos olhos abertos e tomássemos algum tempo para compreender o que se está a passar ao nosso redor, isolando-nos e lutando com o verdadeiro inimigo das nossas vidas.

Não há muito tempo encontrava-me em África, e tive oportunidade de visitar al-

guns parques de reserva de animais. Ali vi milhares de gnus. Os gnus agem geralmente como se fossem rapazes caloiros que acabam de sair das aulas. Um velho conhecedor da fauna africana e de seus costumes estava comigo. Ele limitou-se a comentar: «Os gnus lutam contra tudo menos contra o que deviam lutar». Mas não procedemos nós da mesma maneira?

Uma outra pergunta, Paulo: Quando fico desanimado, que devo fazer? A sua resposta encontra-se em Romanos 8:31: «Se Deus é por nós, quem será contra nós?».

Henry Bergh, na sua brochura *Upward Trails* (Sendas para o Céu), fala-nos de um leilão. A ferramenta de Satanás estava a ser vendida pela melhor oferta. E a que mais dinheiro rendeu, a que parecia mais inocente, a mais usada, chamava-se desânimo. Costuma estar desanimado? «Combate o bom combate da fé», é-nos dito em I Timóteo 6:12. A irmã White afirma: «Se falar em escuridão, terá muitas trevas. Se falar na luz, terá muita luz». Eis um princípio que vale a pena reter na memória.

Muito bem, Paulo, eis ainda outra pergunta. Há pessoas que dizem uma coisa, outras que dizem o contrário. Como poderemos nós saber quem tem razão? Em 2 Timóteo 3:7, lemos: «que aprendem sempre, e nunca podem chegar ao conhecimento da verdade». Será esse o nosso problema? Talvez. Mas leiamos ainda 2 Timóteo 4:3: «Porque virá tempo em que não sofrerão a sã doutrina; mas, tendo comichão nos ouvidos, amontoarão para si doutores conforme as suas próprias concupiscências». Este texto apoquentou-me durante muito tempo, até que descobri que ele atinge os alunos, e não os professores, ao falar na comichão dos ouvidos. Você tem comichão nos ouvidos? A sua mente está cheia de oca curiosidade? Está a cometer o erro de dar atenção apenas às pessoas? Talvez fosse melhor ouvir primeiro a Cristo e depois decidir-se de uma vez para sempre a seguir o caminho de Deus.

A vida é uma luta, não tenhamos dúvidas. Ninguém gosta de ser cobarde; ninguém quer ser cobarde. Os cobardes não conseguem lutar. Os cobardes vão atrás da multidão. Encontramos muitas coisas úteis em 2 a Timóteo, mas há uma nota triste em 2 Timóteo 4:10: «Demas me desampa-

rou, amando o presente século». Não é mencionada qualquer lista dos seus pecados. Ele apenas amou este mundo, e desistiu. A escolha que tendes de enfrentar é: ou Paulo que lutou e venceu, ou Demas que desistiu e perdeu. Podeis unir-vos a Paulo ou a Demas, perdendo-vos como este num mundo que não se preocupa convosco.

Talvez não estejais nem num lado nem no outro, sem uma decisão clara; estais mais ou menos sobre a linha, quer dum lado, quer do outro. Então sois como Marcos.

Esteve durante algum tempo indeciso, mas depois preferiu ir com Paulo.

Se ainda está indeciso, porque não toma agora uma decisão? Ainda não terminou a sua carreira. É tempo de começar a trabalhar. E um dia, depois da luta, receberá a recompensa. Depois de muitos labores, verá a obra terminada — receberá a vida eterna, e um lar eterno. Se quizer, tudo isso pode ser seu. É um homem verdadeiro, uma mulher verdadeira, para tomar a decisão acertada — agora?

QUINTA-FEIRA

Sem Dúvida

Lembrais-vos daquela quinta-feira à noite em que os discípulos se acotovelavam? Reinava no seu meio um espírito de competição; cada um procurava o melhor lugar. Quem ganhou? João, ágil, jovem, rápido de pernas; e Judas, perspicaz, manhoso, senhor do seu papel. Já alguma vez pensastes o que terá sido aquela última ceia em conjunto? Deve ter existido uma pesada atmosfera, que fazia prever uma tempestade. Tudo se aproximava do fim. Depois de uma longa pausa, Jesus disse: «Desejei muito comer convosco esta páscoa». Lucas 22:15. Esta não é uma boa tradução. Não nos mostra exactamente a intensa maneira de sentir de Jesus.

Estes eram os últimos momentos que podiam passar juntos. Ele tinha feito planos cuidadosos. E então, repentinamente, a atmosfera anuviou-se. Lucas diz apenas: «E houve entre eles contenda». Então Jesus deteve-se. Não era o momento para falar. Eles não dariam ouvidos. Assim Ele levantou-se, tomou uma toalha e uma bacia, e começou a lavar-lhes os pés. Foi primeiro a Judas, e a sua reacção foi estranha. Quase que não se conteve, mas resistiu à aproximação de Jesus. O Mestre continuou a Sua missão por todo o círculo, até que chegou a Pedro. Jesus deve ter sorrido pacientemente, e deve ter havido um sorriso na Sua voz, quando exclamou: «Não Pedro,

nem um extremo nem o outro». E o titubeante Pedro era tão parecido com muitos de nós.

Esta foi uma cena fascinante naquele cenáculo. Lembramo-nos muitas vezes do que Jesus fez ali, mas esquecemos o que Ele disse. Se estudarmos as palavras que proferiu aos discípulos, ficaremos com outro quadro do que se passou ali. Que objectivo tinha Jesus em mente quando deu a Sua última aula àqueles alunos do ministério? Ele desejava incutir-lhes uma confiança inquebrantável. E aquela serena confiança que Jesus demonstrou no horto do Getsemane, atingiu os confins da terra. Contagiu os discípulos, e deve-se fazer sentir em vós e em mim.

Os discípulos estavam envergonhados e mergulhados em reflexão. Não murmuravam nem falavam vãmente. Os seus sentimentos não contavam nesse momento. E nós estamos tantas vezes preocupados com os nossos próprios sentimentos. Mas eles estavam envergonhados pensando na sua relação com Cristo em vez da sua relação entre uns e outros. Eis a razão da maior parte dos nossos problemas, insucessos e infelicidade. Quando está tudo em ordem entre mim e Deus, automaticamente tudo fica em ordem entre mim e o meu irmão. Mas o reverso da moeda está à vista. Se nem tudo está bem entre nós, se estou em

constantemente problemas com os que me rodeiam, então provavelmente as coisas também não estão bem entre mim e Deus.

Em João 14:1, lemos: «Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em Mim». Essas palavras denotam plena confiança. E Cristo deseja que nós nos lembremos disso; Ele deseja que cultivemos a confiança nas nossas próprias vidas.

O cristão não necessita de ser arrastado pelos seus problemas. Ele pode pelo contrário ter paz, essa paz que mesmo com lágrimas — e lágrimas virão — o faz sorrir porque Deus está com ele, não o desamparando até ao fim. Desejamos que tudo seja belo e brilhante; desejamos evitar todas as dificuldades. Jesus nunca disse que não teríamos tribulações. Ele disse: «Não se turbe o vosso coração», e nisso há uma grande diferença. A reacção dos discípulos às palavras de Jesus foi compreensível. Não compreenderam nada.

Jesus disse: «Eu vou, mas virei outra vez; porém vós conheceis o caminho». E Tomé respondeu imediatamente: «Senhor, ... não sabemos para onde Tu vais; como podemos nós saber o caminho que vais tomar?» Verso 5 (tradução de Phillips). Tomé, embora lógico e razoável, estava enganado. Ele devia ter descoberto isso. Mas não tinha a certeza. E todos os dias ouvimos hoje esse estribilho: «Não tenho a certeza». E afligimo-nos, e irritamo-nos, e vamos ter com os psicólogos e psiquiatras, procurando a solução. Frequentemente encobrimos a incerteza das nossas vidas com a actividade, fazendo derrapar as nossas rodas, quando na verdade necessitamos de quem nos empurre.

Um amigo meu, que é missionário nos Andes, percorria as margens do Lago de Titicaca. Chegou a sexta-feira. Ele tinha chegado a uma pequena cidade e preparou-se para o culto no dia seguinte. A sua esposa estava de cama com gripe. Assim ele foi ao mercado à procura de laranjas. Esperava debelar a constipação com a ajuda desses frutos cítricos. No mercado — um mercado típico indio nos altos Andes, onde as pessoas se sentam à volta de montes de batatas, de sal, ou doutra mercadoria — encontrou finalmente uma mulher que tinha laranjas. Perguntou-lhe o preço, calculou que devia haver ali cerca de um cento delas, fez as contas, e ofereceu-lhe determinada quantia um pouco inferior ao

seu valor. E a mulher disse «Não». Ele já esperava esta reacção. Subiu então um pouco a quantia antes proposta. Ela no entanto declinou ainda a oferta. Finalmente ele ofereceu o preço que ela tinha pedido. Para sua consternação, ela ainda desta vez declinou. Então não se conteve: «Mas um momento. Não estão aí cerca de cem laranjas?».

«Sim».

«Mas não foi isto que pediu por cada laranja? Pois bem, eu dou cem vezes o preço que pediu por uma laranja».

«Não».

Desesperado, perguntou: «Mas porque não? Se me vende uma laranja por determinado preço, porque não me vende todas elas pelo preço correspondente?»

Ela sorriu com complacência, mostrando uma sabedoria que tinha adquirido ao longo dos anos naquele planalto dos Andes e disse: «E que faria eu durante o resto do dia, se lhe vendesse todas as laranjas?»

Muitos de nós procuram desesperadamente ocupar as suas vidas, iludindo a sua infelicidade, a sua incerteza, o seu temor. A solução consiste em depormos cem por cento das nossas vidas nas mãos de Deus. Esse é um acto de vontade. Quando fazemos isso, Deus mostra-nos o caminho. É muito difícil. De maneira nenhuma, se nos desenvencilharmos das barreiras do orgulho.

Filipe disse: «Mostra-nos o Pai, Senhor, e ficaremos satisfeitos». João 14:8. Jesus respondeu: «Há tanto tempo que estou convosco, e ainda não me conheceis, Filipe?» Verso 9. Como vedes, Filipe estava a ser lógico, razoável, e duvidoso. Filipe mostrava apenas uma compreensão lenta. Não estava seguro do seu caminho. As suas notas eram muito baixas. Com efeito Jesus perguntou: «Tão perto da graduação, e tão longe ainda da compreensão?» Mas podemos nós criticar Filipe? Somos nós melhores? Quem pode dizer que espiritualmente tem melhores notas, melhor progresso espiritual? Somos todos mais ou menos a mesma coisa. Nesse tempo as pessoas chamavam-se Marta, Madalena, José e Filipe. Hoje chamam-se Marta, Lena, Zé e Fil.

Quantas vezes temos nós dito «Se eu ao menos soubesse; se ao menos tivesse uma prova»? E no entanto, quanto precisamos ainda mais? Os acontecimentos que nos rodeiam incidem sobre as lições há muito

aprendidas. A prova está aqui: O problema está em aceitá-la. Estamos entalados por leis do Domingo, sacudidos pelo crescimento do espiritismo, perturbados pelo crescimento incrível dos poderes religiosos. As profecias estão a ser cumpridas. A prova está bem diante dos nossos olhos. O problema é aceitá-la para além do intelectualismo puro.

Estou convencido de que um dos principais problemas é simplesmente a dúvida. Ninguém tem dúvida a respeito do vosso crescimento intelectual. A ambição, as notas, os exames, as perguntas à inteligência, dominam o vosso ser. Estais também crescendo fisicamente. O desenvolvimento dos vossos músculos, o desporto, as três boas refeições que tomais cada dia — tudo isso demonstra o vosso crescimento físico. Mas espiritualmente falando, ainda estais à deriva. As dúvidas desempenham uma boa parte nesta situação. Quando Pedro tinha a sua cabeça fora de água, ouviu Jesus dizer: «Homem de pouca fé! Que te fez desfalecer?» Mateus 14:31. Porque duvidaste?

Em Marcos 9 deparamos com um quadro que devíamos ter presente. Os discípulos aguardavam a Jesus no sopé do monte da transfiguração. Mas quando Jesus desceu, ficaram terrivelmente embaraçados. Não conseguiam curar um rapaz que estava endemoninhado. Havia ali nada menos que quatro classes de pessoas; O rapaz, que não podia crer, porque não era capaz. Os escribas, que não queriam crer. Há muitos que são como eles. Em terceiro lugar havia os discípulos. Estes encontravam-se numa situação miserável — tinham falhado, e não

compreendiam porquê. Este grupo inclui muitos de nós. E finalmente havia ali o pai, que deu ouvidos às palavras de Jesus e que compreendeu.

Podemos nós ouvir a voz daquele pai, voz cheia de convicção, quando exclamou: «Senhor, eu creio; ajuda a minha incredulidade». Marcos 9:24. «Eu creio, sim, mas também tenho muitas dúvidas. Ajuda-me». Esse homem era honesto. As dúvidas impediam que avançasse, e ele tinha consciência disso. E as dúvidas podem arruinar a vossa vida. As dúvidas podem tatuar a vossa vida, mas a tatuagem pode converter-se em feridas sangrentas, se não tendes cuidado, se não lidais com elas convenientemente. As dúvidas podem levar-vos também a fazer um progresso maravilhoso. Se souberdes o que fazer delas, podem tornar-se numa ajuda. Criticamos Tomé, chamamo-lo Tomé das dúvidas, e não há dúvida que Jesus o puniu verbalmente: mas lembremo-nos que Tomé foi sempre Tomé, um discípulo escolhido, e um grande missionário. Porquê? Porque lutou contra as suas dúvidas e venceu. Lutai contra as vossas dúvidas, até que duvideis delas, e então começareis a sentir fé. As dúvidas podem arruinar a vossa vida, se o permitirdes.

Na última aula que Jesus deu aos Seus discípulos, Ele procurou incutir-lhe a confiança. Ele conhecia as dúvidas que os atormentavam. Ele compreende as vossas dúvidas.

Desejais viver uma vida nobre, compensadora? Isso está ao vosso alcance. Sem dúvida.

SEXTA-FEIRA

Necessito d'Ele

O comboio era daqueles de portinholas e tinha já cerca de meio século. Tudo abanava, chiava e o fumo entrava por todos os lados. A cada momento sentiam-se solavancos. Depois de uma viagem de quatro a cinco horas naquele comboio, é impossível esquecer essa experiência durante to-

da a nossa vida. Andar naquele comboio durante um dia inteiro é semelhante a um suicídio. Não obstante nele viajámos através das montanhas dos Andes.

Certa manhã, num dia cheio de sol, entrei no comboio, e encontrei um lugar vago ao lado de um cavalheiro de boa presença,

que estava nesse momento a ler o jornal. Sentei-me e tentei puxar conversa com ele. Ele voltou-se, olhou para mim, e uma expressão de enfado transpareceu no seu semblante. Resmungou e embrenhou-se novamente no jornal. Insisti, mas não consegui quebrar o gelo. Ele simplesmente não estava disposto a falar. Fiquei aborrecido.

Finalmente o comboio chegou à primeira estação. Debrucei-me na janela e deparei com grandes cartazes que diziam: «Benvindo, chefe». Uma banda de música tocava; havia ali uma multidão. Era evidente que estavam à espera de alguém. O meu companheiro de viagem pôs rapidamente o jornal de lado, avançou pela coxia e foi até à entrada da carruagem. Aplausos e muitas mãos que acenavam mostraram o seu regozijo por vê-lo. Houve um curto discurso, e bem à maneira latina abraçou alguns dentre o povo.

A banda continuou a tocar enquanto o comboio prosseguia viagem. Entretanto voltou ao seu lugar e sentou-se. Eu estava ardendo em curiosidade. «Havia ali muita gente a saudá-lo. Parabéns!»

Mas ele voltou ao seu jornal com um grunhido. Ele simplesmente não queria falar.

Chegámos a outra estação, e ali estava igualmente uma multidão, com mais cartazes, e a banda de música. Enquanto ele pronunciava o seu discurso, não resisti mais. Debrucei-me na janela e perguntei a um passageiro: «Diga-me por favor, quem é aquele senhor?»

O cavalheiro olhou para mim como se eu acabasse de chegar de Marte. «Quer dizer que não conhece o Senhor Arce, dirigente do partido comunista, candidato à presidência?»

Detive-me por um momento, compreensivelmente surpreso. Agora percebia. Ele olhava para mim como um americano. Ele era comunista. Por isso não queria falar. Mas agora é que eu desejava falar com ele.

O comboio partiu novamente, e ele voltou ao seu lugar. Quando se sentou, apressei-me a dizer: «Então, senhor Arce, acha que o comunismo é a única resposta aos problemas deste país?»

Pôs de lado o jornal, olhou para mim, e começou a falar — furiosamente. Quando parou para respirar, eu retorqui: «O comunismo não é a única resposta. Cristo é a única resposta. O comunismo é algo de pas-

sageiro, porque os problemas deste país exigem uma transformação de vidas, e apenas Cristo o pode fazer». Travei então uma das mais fascinantes conversas de toda a minha vida. Falámos durante quase todo o dia.

Muitos de nós agimos como o senhor Arce. Torcemos e retorcemos pela vida fora, esquecendo que Cristo nos fez e que apenas Cristo nos pode mudar. Necessitamos d'Ele desesperadamente, para que as nossas vidas sejam mudadas. Procuramos a todo o custo encontrar soluções para a nossa existência, respostas para as nossas necessidades, para chegarmos à conclusão que Cristo é a única resposta. Mas não é pena que passemos tanto da nossa vida à procura, para chegarmos a esta conclusão tão tardiamente?

O nosso texto de hoje diz: «Na verdade, porque não agora?» O caminho de Cristo é o caminho verdadeiro, é o melhor, é o único caminho. Qualquer outro caminho não nos leva a parte alguma. É uma armadilha. Gastamos muito do nosso tempo, muito das nossas vidas, fugindo dos caminhos de Deus. Mas fugir não é agradável para ninguém. Perguntai a Jonas — ele tentou fazê-lo. Já lestes a oração de Jonas? Como que num pesadelo ele tenta desembaraçar-se das ervas daninhas que se emaranham à sua volta. Finalmente exclama: «Senhor, farei o que me disseres que devo fazer». O resultado — um caso grave de indigestão para um peixe, e Jonas deu à costa numa praia provavelmente muito mais próxima de Ninive do que quando começou a viagem. Os caminhos de Deus são assim.

Não é agradável fugir. Porque não perguntamos a Elias? Ele fugiu para salvar a vida, pedindo a morte. Podeis ler a narrativa em I Reis 19. E Paulo procurou escapar à sua própria consciência dizendo que estava muito ocupado em assunto de Deus — isto foi o que disse a si próprio. Mas eis que foi lançado por terra na estrada, e no mais completo desespero ele encontrou o caminho. É o que lemos em Actos 9.

Temos ainda o caso de Salomão. Ele tinha inteligência e dinheiro para tentar tudo, o que não deixou de fazer. Ele encontrou-se em dado momento a fugir da responsabilidade moral e espiritual. Lede os resultados: verificai a sua amargura em

Eclesiastes. Vaidade, vaidade, tudo é vaidade.

Abraão tentou fugir duas vezes à responsabilidade mentindo, mas isso não deu resultado. Provavelmente estes foram os dois momentos mais embaraçosos da sua existência. Podeis imaginar o tom da voz de Faraó em Génesis 12:19, quando disse a Abraão: «Olha, leva a tua mulher e sai daqui?»

Necessitamos de Cristo, vós e eu, e não há razão para se andar a fugir.

Truman Capote escreveu um livro de grande procura intitulado «*In Cold Blood*» (A Sangue Frio). É a história de Dick Hickok e Perry Smith, que cometem um crime horrendo, brutal, em Holcomb, no Kansas. É impressionante, revoltante, e de maneira nenhuma recomendo tal livro. Mas há ali um ponto importante, uma lição, que salta à vista, e que vale a pena fixar. Após o crime, aqueles dois homens começaram a correr, e assim continuaram durante muito tempo. Foi uma fuga longa, árida, miserável, inútil. É assim que acontece quando fugimos de Deus. Não faz sentido, e termina na morte.

Que espécie de cristãos sois vós, afinal? Já vos detivestes a pensar nisso?

Sois cristãos «full-time», prontos, dispostos, capazes, reconhecendo a vossa constante necessidade, mostrando ter atingido a maturidade? Reconheceis a vossa necessidade de Cristo? Estais a fazer alguma coisa nesse sentido?

Ou sois cristãos «part-time», uma espécie de esquizofrénicos espirituais, santos na igreja e demónios em casa? Sabeis que tendes de responder pelos vossos actos? Os psicólogos dizem-nos que não se pode dividir a vida, sem sermos vítimas de tensões. Os hipócritas não são felizes, e tão pouco têm sucesso no seu trabalho. Sem dúvida que não temos qualquer dificuldade em deparar com hipócritas à nossa volta, mas muitas vezes falhamos a ver essa hipocrisia nas nossas próprias vidas.

Sois vós cristãos quando há bom tempo? Quando vem a primavera, tudo parece muito bem, sentimo-nos bem, parece que estamos no cimo do mundo. Há muitos cristãos assim. Quando tudo corre bem, o seu cristianismo parece que brilha. Dependem demasiado dos seus sentimentos. Apetece-lhes ser bons cristãos. Mas quando vêm as dificuldades, o quadro muda por completo.

Ou sois vós cristãos quando faz mau tempo? Quando sobrevêm os revezes da vida, começais, como Israel outrora, a clamar ao Senhor. Essa é uma experiência bem triste.

Há porém ainda os cristãos das horas vagas. É uma espécie de passa-tempo, que não chega a absorver todos os momentos da vida.

Em tempos fui perceptor de uma escola. Lembro-me que no dofeitório havia rapazes que gostavam muito quando o sábado vinha, porque não tinham de trabalhar nesse dia. Receio que haja muitas pessoas que olhem para Deus como se fosse um tio rico. Respeitamo-l'O, estamos do lado d'Ele, mas não O amamos verdadeiramente.

Há ainda os cristãos de «para a próxima vez». As suas vidas são orientadas por um sentimento de adiamento espiritual constante. Tais pessoas tornam-se frequentemente escarnecedores das coisas de cima.

Que espécie de cristãos sois vós? Não vos classificais em nenhum destes grupos? Talvez sejais santos sedentários, vivendo uma vida rotineira e monótona, aceitando a religião como um facto habitual, como se fosse o pequeno-almoço. É assim? Porque não vos deteis procurando analisar com exactidão qual é a vossa necessidade de Cristo?

Gosto de observar a transição que se dá quando um caloiro se torna um estudante da «velha guarda». Leva algum tempo a assim acontecer. Os caloiros são entusiastas, e dispostos a fazer tudo; são inconstantes mas são simpáticos. Depois passam para o segundo ano. Já não são tão entusiastas e já medem melhor os seus actos. Têm mais confiança em si. Ainda são bastante simpáticos.

A mudança continua a operar-se rapidamente, à medida que os anos passam. O espírito pronto a tudo torna-se sofisticado. Em vez do entusiasmo vibrante, nota-se uma crescente confiança em si mesmos. Contudo estes ainda são simpáticos. Finalmente entram nos derradeiros anos do curso. Além de sofisticados e bem preparados, são equilibrados e cheios de confiança em si próprios, contudo perderam aquele entusiasmo dos anos precedentes. Sem dúvida continuam a ser simpáticos.

Vem então o perigo de, à medida que o conhecimento aumenta, e nos tornamos experientes e veteranos, perdermos aquele en-

tusiasmo espontâneo. Isso acontece também nos nossos anos de cristianismo. Não importa que espécie de cristãos vós sois, não importa em que ponto do percurso a percorrer vos encontrais, vós e eu necessitamos de Cristo. Necessitamos d'Ele porque não somos perfeitos. Não faz sentido escondermos a nossa cabeça na areia; não faz sentido criticarmos os outros para ocultar as nossas próprias mazelas. Não faz sentido apresentarmos toda a espécie de desculpas. Necessitamos d'Ele, não é verdade?

Há algum tempo que coleciono desculpas, desculpas tolas que as pessoas dão para fugir à atitude de reconhecer a sua necessidade de Cristo, as suas fraquezas, os seus defeitos. A desculpa que ouço mais frequentemente é: «É culpa dele». Esta desculpa começou a ser dada há muito tempo. Adão culpou a Eva, Eva culpou a serpente, e desde então alguém deita sempre as culpas sobre outrem. É tempo de enfrentarmos as responsabilidades com maturidade.

Uma outra desculpa é: «É um hábito». E outra: «Tal pai, tal filho. Afinal de contas, o meu pai já era assim; que posso fazer?» Tais pessoas esquecem que Tiago e João eram filhos do trovão, cobiçosos, astuciosos, e tornaram-se Tiago, o primeiro apóstolo mártir, e João o amado.

Recentemente tenho ouvido uma outra desculpa com frequência: «Faço tudo o que devo fazer, e não acontece nada». Tenho notado um ênfase no *faço*. Faz-me lembrar o mancebo rico

Outra desculpa é: «Devemos ser tolerantes». Já estou cansado de ouvir essa desculpa. Pergunto se não será tempo de sermos intolerantes. Temos martelado nas nossas mentes que a tolerância é uma virtude, e acabamos por ser tolerantes em tudo. O nosso pensamento torna-se confuso e as nossas opiniões fracas. Sob o título de tolerância evitamos defender o que é verdadeiro. Não será tempo de mostrarmos indignação moral, condenando abertamente o pecado, e procurando compreender mais profundamente o pecador? Se algo nos arrasta na direcção errada, digamo-lo. Não nos escondamos atrás da desculpa miserável da tolerância.

Frequentemente ouvimos: «Isso não faz sentido. Nem é lógico nem razoável». Se a religião, se a nossa relação com Deus, depende da lógica humana, não iremos mui-

to longe. Sim, podeis encontrar razão na religião; mas encontrareis também muito assunto para discutir. Não somos obrigados a só aceitar pela lógica. Deve haver lugar para a fé; tem de haver lugar para ela.

As nossas desculpas são fracas, e o diabo conhece as nossas fraquezas. Cada um de nós constitui um bom livro dele. A maior parte das nossas desculpas são simplesmente uma recusa a enfrentar a nossa própria fraqueza. Mais tarde ou mais cedo temos de deixar de nos desculpar, admitir que não somos suficientemente espertos, grandes, experientes, para nos podermos bastar completamente a nós próprios; temos de humildemente estar dispostos a admitir que necessitamos de Cristo, e que Ele tem a única resposta. Necessitamos d'Ele porque a nossa fé é fraca. Necessitamos d'Ele para que a nossa vida valha a pena ser vivida. Necessitamos d'Ele para que nos ajude a manter os nossos olhos abertos, para vermos o que se passa ao nosso redor, para compreendermos, para detectarmos o anzol do diabo. Passamos tempo demais a discutir o que está errado, e escorregamos e caímos em tentações e no pecado tão facilmente. Necessitamos de abrir os nossos olhos para que nos vejamos a nós mesmos.

Lembro-me perfeitamente de um homem que perdeu a paciência e praguejou diante de mim, tentando convencer-me que era um bom cristão. Necessitamos que Cristo nos ajude a encontrar o nosso lugar na vida. A satisfação e a confiança plenas manifestas num cristão genuíno contrastam com a tristeza, a melancolia, o aborrecimento, a amargura dos que estão incertos em relação ao futuro e constituem argumento suficiente a favor do caminho de Cristo. Necessitamos que Ele nos ajude a encontrar o nosso lugar e que nos dê a sabedoria e a coragem para o preencher. E acima de tudo, necessitamos que Ele nos ajude a alcançar a eternidade.

Um rapazinho, que tenta passar por um campo cheio de lama, e que exclama: «Papá, dá-me a mão, porque eu vou conseguir passar, porque assim posso dar passos maiores», é um quadro diante do qual vale a pena nos determos atentamente. Necessitamos da mão de Cristo.

Visado pela Censura

Oferecido Voluntariamente

David não foi apenas um rei popular, um bom músico, um bom atleta e um sábio; foi também um orador, que sabia fazer excelentes discursos. Certo dia ao terminar um discurso, fez uma pergunta: «Quem está disposto a consagrar-se hoje ao serviço do Senhor?» I Crônicas 29:5. E a resposta fez-se ouvir: todos. E eles «ofereceram-se voluntariamente».

A vida não é fácil. Nunca o foi. Ela está cheia de tensão e problemas, angústia; no entanto tem também as suas alegrias, satisfações e vitórias. Mas uma vida com Deus, no Seu serviço, é o que podemos ter de melhor nos anos que estão à nossa frente. Se a não dedicarmos dessa maneira, arrepende-nos-emos. Parafraseando o famoso desafio de Josué: «Escolhei hoje a quem deveis servir; escolhei também a maneira como o deveis fazer». Da nossa parte já tomamos a decisão.

Mas podereis dizer: «Cristo não me pode usar. O irmão não me conhece. Sou demasiado impulsivo. Cada vez que abro a minha boca digo inconveniências. Tenho um péssimo feitio. As pessoas ficam zangadas comigo. Não, Cristo não me pode usar». *Oh, sim, Ele pode*: O Senhor escolheu a Pedro.

Ou podeis argumentar: «Mas eu sou diferente. Sou demasiado ambicioso. Deito a mão a tudo o que posso apanhar. Não, Cristo não me pode utilizar». *Oh sim, Ele pode*. O Senhor escolheu a Tiago e a João.

Alguém poderá ainda dizer: «Eu sou diferente das outras pessoas. Sou demasiado lento. Não compreendo as coisas muito depressa. E esse assunto da fé — não compreendo muito bem. Tenho de ter provas. Não, Cristo nunca me quererá utilizar assim». *Oh, sim Ele quer*. Ele escolheu a Tomé.

Há sempre alguém que diz: «Sim, mas eu não sou ninguém — não tenho talentos, amigos, nada. Ninguém parece reparar em mim; ninguém ouviu falar de mim. Cristo nunca me poderá utilizar. *Oh sim, Ele pode*. O Senhor chamou André.

Ele chamou a Pedro e Tiago, João, Tomé e André, e mudou as suas vidas. Fê-los grandes. E Deus pode utilizar-vos a vós, de ma-

neira poderosa, se O deixardes, se vos oferecerdes voluntariamente.

Deus pode encher a vossa vida de fogo. Ele pode destruir o temor e incutir-vos plena confiança. Pode transformar a inveja em amor, o ódio em maravilhosa e profunda compreensão. Pode arrancar o vosso egoísmo e proporcionar-vos um serviço consagrado pelos outros. Pode remover a vossa angústia e substituí-la por felicidade. Os dias negros darão lugar a dias resplandecentes, as vossas frustrações transformar-se-ão em satisfações. O vosso orgulho dará lugar à humildade. Deus pode fazer-vos grandes no Seu serviço. Sim, Ele pode, se vos entregardes voluntariamente.

A maior parte dos homens com grande capacidade, aqueles na nossa igreja que fizeram grandes coisas para Deus, homens que não podemos deixar de admirar, porque viveram uma vida completamente entregue a Deus, vivem assim por causa da mensagem que pregam. A sua fé fá-los agir dessa maneira. A sua vida precisa apenas de estar em ordem!

Dois jovens obtiveram autorização de viajar de comboio sôzinhos, pela primeira vez. Estavam orgulhosos da sua liberdade. Compraram os bilhetes, entraram numa carruagem vazia, sentaram-se, cheios de contentamento. Antes do comboio partir, veio o revisor e disse-lhes: «Rapazes, importam-se de passar para a carruagem seguinte?»

Sentindo o seu amor próprio ferido, responderam: «Não, preferimos ir aqui». E começaram a dar ao revisor toda a espécie de argumentos, pelo que se consideraram bastante inteligentes. Finalmente o revisor encolheu os ombros e exclamou: «Muito bem, façam o que quiserem». E passou para a carruagem do lado. Naquele dia os rapazes não foram a parte nenhuma. A carruagem não estava ligada ao resto da composição.

Há muitos jovens rapazes e meninas nos colégios adventistas, nas igrejas espalhadas pelo mundo, que procedem dessa maneira. Entram no comboio, têm bilhete, mas não vão a parte nenhuma. Não estão dispostos

a deixar que Deus os utilize. Não se entregaram voluntariamente. Não estão verdadeiramente ligados a Deus.

Gostariéis de saber alguns requisitos para um serviço cheio de sucesso, de satisfação e agradável, para Deus?

O primeiro requisito é a dedicação — dedicação completa, sem reservas.

Ele chamava-se Engel — o Professor Engel — e durante quarenta e dois longos anos ensinou num colégio adventista. Ele ensinava violino. Ele deixava extasiados os seus ouvintes, quando tocava. Após um dos seus concertos, eu estava por acaso perto dele, quando um caloiro sorrateiramente se aproximou dele e segredou-lhe: «Professor Engel, eu estaria disposto a dar metade da minha vida para tocar assim».

O professor pareceu ficar magoado, e apenas disse: «Eu já dei duas vezes mais do que isso». A sua resposta foi dedicação total.

Se desejais ser um professor apenas porque procurais alimentar o vosso próprio eu, diante de uma classe, descarregando sobre os alunos os preconceitos recalcados de longa data, esquecei essa profissão. Se desejais ser uma enfermeira porque na vossa mente se formou o quadro de alguém vestido de branco, que tem no fim do mês um bom salário, e tem ainda a possibilidade de se tornar esposa de um médico, desisti dessa ideia. Se desejais tornar-vos um ministro do evangelho porque é um lugar prestigioso, que vos dará a possibilidade de ter um carro, então desisti de tal ideia. Se desejais seguir um curso de contabilidade, ou outro qualquer, para evitar que a vossa entrega a Deus seja completa, então é melhor não prosseguir nessa direcção. Mas se almejais ser um professor dedicado no serviço de Deus, uma dedicada enfermeira para Deus, um ministro dedicado para Deus, ou desejais seguir outra qualquer profissão que ponha a Deus em primeiro lugar, então prosseguir no caminho em que estais. Nunca vos arrependereis.

Não é segredo para ninguém que nem todos os que trabalham nas fileiras do remanescente são dedicados. Para alguns, infelizmente, esse serviço constitui um emprego. Mas foi sempre assim.

Lembra-vos de quando Jesus foi levado ao templo? Ele tinha quarenta dias. O ritual, o rotineiro, estava bem organizado. Longas bichas de pais e bebês a chorar ao

colo, aguardavam a sua vez. Quando esta chegava, o sacerdote, muitas vezes à pressa e bruscamente, tomavam o bebé nos braços, perguntavam pelo seu nome, davam a bênção, registavam o nome, cobravam a taxa — cinco shekels ou coisa parecida — e passavam ao seguinte.

Mas naquela manhã, aproximando-se lentamente da sua vez, encontravam-se Maria, José e Jesus, o Salvador do mundo. E em determinado momento, o sacerdote tinha nos seus braços o seu próprio Salvador. Tinha ao colo a Pessoa, em torno da qual toda a sua vida, todo o ritual do santuário, se centralizava, e ele não o sabia. Ele estava apenas no seu emprego. Mas havia naquele dia mais alguém no templo, que sabia o que se estava a passar. Chamava-se Simeão. Uma das suas qualidades era a dedicação.

Temos ainda um segundo elemento para um serviço vitorioso para Deus. É a humildade. «Guiará os mansos rectamente: e os mansos ensinará o seu caminho». Salmos 25:9. Pedro tem alguma coisa a dizer a este respeito, e devemos sabê-lo. Ele aprendeu algumas lições difíceis. O seu pensamento vem expresso da seguinte forma: «Humilhai-vos, pois, debaixo da potente mão de Deus, para que, a seu tempo, vos exalte». 1 Pedro 5:6.

O terceiro elemento a recordar se desejamos um serviço vitorioso para Deus, é aprender a saber lidar com a crítica. Não gosta de ser criticado? Não quer ser criticado? Então não faça nada. não se mexa. Contudo, não deixará de ser criticado pelo facto, por esbanjar o seu talento. Quando ergue a sua cabeça por cima da multidão, quando sai dela, quando prossegue em frente, torna-se automaticamente alvo de críticas. E quanto mais depressa desenvolver uma filosofia ácerca da crítica, tanto melhor. Não mostre amargura. Os que o criticam podem ajudá-lo mais que os seus próprios amigos.

Nunca esquecerei um velhote que vivia solitário perto do rio, quando eu tinha cerca de dez anos. Ele era um homem curioso. Tinha ideias bizarras, mas desenvolvia o seu próprio pensamento. Certo dia começou a filosofar ácerca do criticismo, e nunca esquecerei as suas palavras, nem o tom da sua voz. Pôs a cabeça de lado e disse: «Quando alguém me critica, oiço sempre cuidadosamente, mui cuidadosamente, e

então digo para comigo: *Se isto é o pior que esta pessoa pode encontrar para me criticar, devo ser bastante bom rapaz*». Esta era a sua filosofia. Não a melhor, mas de qualquer maneira não era levado a sofrer muito quando a escutava.

Um quarto elemento é uma motivação para o crescimento contínuo. Para ter sucesso na vida, para ter sucesso no serviço de Deus, deve continuar a crescer mental, física e espiritualmente até ao fim da sua vida. Hoje chama-se a isso *educação contínua*. É uma boa maneira de dizer que a escola nunca deve estar no passado. Não se sente contente por isso? No mundo em que vivemos hoje, temos de continuar a estudar até exalarmos o último suspiro. A vi-

da é assim. E pela mesma razão, também nunca poderemos pôr fim ao nosso crescimento espiritual.

Estes são quatro elementos que devemos ter em mente no nosso serviço para Deus; e lembremo-nos que o Seu serviço é o melhor que há no mundo.

Fred Allen tem alguns pensamentos dignos de registo na sua autobiografia. Mestre de comédia, podemos parafrasear uma das suas ideias, da seguinte maneira: A vida do cristão genuíno é um caminho cheio de compensação que conduz à alegria da eternidade.

Estais vós dispostos a seguir esse caminho? Agora?